

O messias de  
**DUNA**  
FRANK HERBERT

*Tradução de Ana Mendes Lopes*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*

  
**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina.



### Excertos da Entrevista a Bronso de Ix na Cella da Morte

P: Que factos conduziram à sua peculiar abordagem em relação à história de Muad'dib?

R: E porque deverei responder às suas perguntas?

P: Porque assim preservarei as suas palavras.

R: Ahh! O derradeiro desejo de um historiador!

P: Quer dizer então que vai cooperar?

R: Porque não? Mas jamais entenderá o que inspirou a minha Análise da História. Jamais. Vocês, Sacerdotes, têm demasiado a perder para...

P: Experimente.

R: Experimento? Bem, mais uma vez... porque não? Fui apanhado pela superficialidade da opinião geral deste planeta, que deriva precisamente do seu nome popular: Duna. Repare que não falo de Arrakis, mas de Duna. A história está obcecada por Duna como sendo um deserto, como o local de nascimento dos Fremen. Essa história concentra-se nos costumes que se instituíram por força da escassez da água e do facto de os Fremen terem uma vida seminómada, protegida pelos fatos destilatórios que recuperam a maior parte da sua humidade corporal.

P: Então esses factos não são verdadeiros?

R: São como uma verdade superficial. É como ignorar o que está sob a superfície ou como tentar entender o meu planeta, Ix, sem explorar como derivámos o seu nome a partir do facto de que somos o nono planeta a contar do nosso sol. Não... não. Não é suficiente encarar Duna como um lugar de tempestades selvagens. Não é suficiente falar das ameaças apresentadas pelos gigantescos vermes de areia.

P: Mas essas são coisas essenciais ao carácter de Arrakeen!

R: Essenciais?! Naturalmente. Mas elas produzem um planeta

unidimensional, do mesmo modo que Duna é um lugar de apenas uma cultura, uma vez que é a única e exclusiva fonte da especiaria, melange.

P: Sim. Ouçamos a sua explanação sobre a especiaria sagrada.

R: Sagrada! Como acontece com todas as coisas sagradas, a especiaria dá com uma mão e tira com a outra. Expande a vida e permite que os seus adeptos consigam vislumbrar o futuro, mas prende-os também a um vício cruel e marca-lhes os olhos da mesma forma que marcou os seus: deixa-os inteiramente azuis, sem réstia de branco. Os seus olhos, os seus órgãos de *visão*, tornam-se num recurso sem contraste, capazes de uma única imagem.

P: Foi esse tipo de heresia que o trouxe a esta cela!

R: O que me trouxe a esta cela foram os vossos Sacerdotes. Como todos os sacerdotes, também o senhor aprendeu a chamar a verdade de heresia.

P: O senhor está aqui porque se atreveu a dizer que Paul Atreides perdeu algo essencial à sua humanidade antes de poder tornar-se no Muad'dib.

R: Já para não falar em como perdeu o pai dele aqui, na guerra contra os Harkonnen. Ou a morte de Duncan Idaho, que sacrificou a sua vida para que Paul e Dama Jessica pudessem fugir.

P: O seu cinismo fica convenientemente registado.

R: Cinismo! Esse é sem dúvida um crime maior que a heresia. Mas, sabe, não sou realmente um cínico. Sou apenas um observador e comentador. Reconheço uma nobreza verdadeira em Paul quando fugiu pelo deserto com a sua mãe grávida. É claro que ela era uma mais-valia para ele tanto quanto era um pesado fardo.

P: O problema com vocês, historiadores, é que nunca deixam que o bem valha por si só. Reconheceu a verdadeira nobreza no Sagrado Muad'dib, mas teve de acrescentar uma observação cínica. Não é de admirar que as Bene Gesserit também o tenham denunciado.

R: Vocês, Sacerdotes, fazem bem em partilhar a causa da Irmandade Bene Gesserit. Também elas sobrevivem camuflando o que fazem. Mas não conseguem esconder o facto de que Dama Jessica recebeu a educação Bene Gesserit. Sabe bem que ela ensinou o filho segundo os modos da Irmandade. O meu *crime* foi discutir este facto como um fenómeno, comentar as suas artes mentais e os programas

genéticos. Vocês não querem que se chame a atenção para o facto de que Muad'dib era a esperança da Irmandade para conseguirem ter um messias cativo, que ele fosse o seu *kwisatz haderach* antes de ser o profeta do povo.

P: Se dúvidas tinha sobre a sentença de morte que lhe será aplicada, o senhor acabou de mas dissipar.

R: Só posso morrer uma vez.

P: Há mortes e mortes.

R: Tenha cuidado, não quererá certamente fazer de *mim* um mártir. Não me parece que o Muad'dib... Diga-me, o Muad'dib sabe o que os senhores fazem nestas masmorras?

P: Nós não aborrecemos a Família Sagrada com trivialidades.

R: (Gargalhada) E foi para isto que Paul Atreides lutou por um lugar entre os Fremen! Foi por isto que aprendeu a controlar e a montar os vermes de areia! Foi um erro responder às suas perguntas.

P: Mas manterei a minha promessa de preservar as suas palavras.

R: Não me diga? Então ouça-me com atenção, seu Fremen degenerado, Sacerdote sem deus além da sua própria individualidade! Tem muito por que prestar contas. Foi um ritual Fremen que proporcionou a Paul a sua primeira dose de melange, abrindo assim o caminho para as visões do futuro. Foi um ritual Fremen que acordou a ainda não nascida Alia, quando ainda estava no ventre de Dama Jessica. Alguma vez pensaram o que significou para Alia ter chegado a este universo plenamente intelectual, na posse de todas as memórias e conhecimentos da sua mãe? Não há violação mais terrível que esta.

P: Sem a sagrada melange, Muad'dib não se teria tornado no líder de todos os Fremen. Sem a sua experiência sagrada, Alia não seria Alia.

R: Sem a sua crueldade Fremen cega, o senhor não seria um Sacerdote. Ahh, eu conheço-vos, Fremen. Julgam que Muad'dib vos pertence porque acasalou com Chani, porque adotou os costumes Fremen. Mas antes de qualquer outra coisa, ele era um Atreides e foi ensinado por uma Bene Gesserit. Possuía conhecimentos totalmente desconhecidos por vós. Julgam que ele vos trouxe uma nova organização e uma nova missão. Prometeu transformar o vosso deserto num paraíso repleto de água. E enquanto vos deslumbrava com tais visões, roubou-vos a virgindade!

P: A sua heresia não altera o facto de que a Transformação Ecológica de Duna se encontra em franco desenvolvimento.

R: E eu cometi a heresia de ir até à raiz de tal transformação, de explorar as suas consequências. A batalha travada nas Planícies de Arrakeen pode ter mostrado ao universo que os Fremen são capazes de derrotar os Imperiais Sardaukar, mas o que mais vos ensinou? Quando o império estelar da Família Corrino se tornou num império Fremen sob a mão de Muad'dib, em que mais se transformou? A vossa Jihad durou apenas doze anos, mas que lição nos ensinou. Agora, o Império conhece a falsidade que foi o casamento de Muad'dib com a Princesa Irulan!

P: Como se atreve a acusar Muad'dib de falsidade?

R: Embora me vá matar pelas minhas palavras, elas não são heresia. A Princesa tornou-se na sua consorte, não na sua mulher. Chani, a pequena e querida Fremen — essa sim, é a sua mulher. Toda a gente sabe disso. Irulan foi a chave necessária para assegurar o trono, nada mais.

P: Torna-se fácil de entender por que motivo aqueles que conspiram contra Muad'dib usam a Análise da História que o senhor escreveu como o seu impostor argumento!

R: Não vou convencê-lo; sei disso. Mas o argumento da conspiração é anterior à minha Análise. Foram os doze anos de Jihad do Muad'dib que criaram esse argumento. Foi assim que os anciãos grupos do poder se reuniram e desencadearam a conspiração contra Muad'dib.

*A miríade de mitos que envolve Paul Muad'dib, o Imperador Mentat, e a sua irmã, Alia, é de tal forma fértil que se torna difícil ver as pessoas reais por detrás destes véus. Mas na verdade, houve um homem que nasceu como Paul Atreides e uma mulher que nasceu como Alia. A sua carne foi submetida ao espaço e ao tempo. E embora os seus poderes oraculares os tenham colocado acima dos limites usuais de tempo e espaço, eles têm uma raiz humana. Passaram por acontecimentos reais que deixaram marcas reais num universo real. Para os entender, é necessário compreender também que a sua catástrofe foi a catástrofe de toda a humanidade. Assim, este trabalho é dedicado não a Muad'dib e à sua irmã, mas aos seus herdeiros — a todos nós.*

— **Dedicatória na Concordata de Muad'dib, conforme copiada da Tabla Memorium da Cultura Espiritual Mahdi**

O reino imperial de Muad'dib gerou mais historiadores do que qualquer outra era da História da humanidade. A maior parte deles discutiam um ponto de vista específico, ciumento e faccioso, mas através deles se pode ver o peculiar impacto que este homem teve no despertar de tamanhas paixões em mundos tão diversos.

Naturalmente, ele tinha todos os ingredientes apreciados pela História, os ideais e os idealizados. Este homem, nascido Paul Atreides no seio de uma das Grandes Famílias, recebeu os intensos ensinamentos prana-bindu de Dama Jessica, a sua mãe e uma discípula Bene Gesserit, adquirindo assim um controlo soberbo sobre músculos e nervos. Mas mais do que isso, ele era um mentat, um intelectual cujas capacidades ultrapassavam largamente as dos religiosamente proscritos computadores mecânicos utilizados pelos povos antigos.

Além de tudo isto, Muad'dib era o kwisatz haderach, aquele que o

programa de reprodução da Irmandade procurou gerar durante milhares de gerações.

Assim, o kwisatz haderach, o homem que “pode estar em vários lugares ao mesmo tempo”, este profeta, este homem através do qual a Irmandade pretendia controlar os destinos da humanidade — este mesmo homem tornou-se no Imperador Muad'dib e contraiu um matrimónio de conveniência com a filha do Imperador Padixá, que acabara de derrotar.

Atentem bem no paradoxo, no falhanço implícito deste momento, pois certamente leram outras histórias e conhecem os factos superficiais. Os Fremens comandados por Muad'dib derrotaram, de facto, o Imperador Padixá Shaddam IV. Arrasaram com as legiões Sardaukar, as forças aliadas das outras Casas Principais, os exércitos Harkonnen e os mercenários contratados de Landsraad. Muad'dib derrubou a Guilda do Espaço e colocou a sua própria irmã, Alia, no trono religioso que as Bene Gesserit julgavam ser sua pertença.

Ele fez tudo isto e mais.

Os missionários Qizarate de Muad'dib levaram a guerra religiosa para todo o espaço, numa Jihad cujo maior ímpeto durou apenas dez anos normais, mas durante esse tempo, o colonialismo religioso conseguiu reunir praticamente todo o universo humano sob o mesmo poder.

Fez isto porque ao tomar posse de Arrakis, o planeta frequentemente referenciado como Duna, passou a controlar o monopólio da mais valiosa moeda do reino — a especiaria geriátrica, melange, o veneno que dava vida.

Aqui está então mais um ingrediente ideal da história: um material cuja química física fazia desenredar o Tempo. Sem melange, as Reverendas Madres da Irmandade não seriam capazes de desempenhar as suas funções de observação e de controlo humano. Sem melange, a Guilda do Espaço não seria capaz de viajar através dele. Sem melange, milhões e milhões de cidadãos imperiais viciados morreriam com os sintomas da abstinência.

Sem melange, Paul-Muad'dib não seria capaz de fazer as suas profecias.

Sabemos que este momento de poder supremo também conteve falhanço. Só pode existir uma resposta: a profecia total e completamente precisa é letal.



Outras histórias postulam que Muad'dib foi derrotado por óbvios conspiradores — a Guilda, a Irmandade e os científicos amorais de Bene Tleilex com os seus disfarces de Polimorfo. Outras histórias apontam para a existência de espões na própria casa de Muad'dib. Produziram uma grande parte do Tarot de Duna que toldou os poderes proféticos de Muad'dib. Outros mostram como Muad'dib foi obrigado a aceitar os serviços de um *ghola*, desenvolvido a partir de tecidos humanos mortos e treinado para o destruir. Mas saberão certamente que este *ghola* era Duncan Idaho, o tenente da família Atreides que morreu para salvar a vida do jovem Paul.

Porém, as histórias contam a cabala Qizarate, levada a cabo por Korba, o Panegírico. Mostra-nos o plano de Korba passo a passo; o plano que pretendia fazer de Muad'dib um mártir e atribuir a culpa a Chani, a sua concubina Fremen.

Como pode isto explicar os factos que a História revelou? Não pode. Só através da natureza letal da profecia podemos entender o falhanço de um poder tão grande e perspicaz.

Talvez outros historiadores venham a aprender qualquer coisa com esta minha revelação.

— Análise da História: Muad'dib  
Por Bronso de Ix



*Não existe separação entre os deuses e os homens; eles misturam-se suavemente um no outro.*

— **Provérbio de Muad'dib**

Não obstante a natureza assassina do plano que pretendia inventar, os pensamentos de Scytale, o Tleilaxu Polimorfo, concentravam-se incessantemente numa compaixão contrariada.

*Vou arrepender-me de causar morte e infelicidade a Muad'dib, dizia para si próprio.*

Ele mantinha estes pensamentos benignos cuidadosamente escondidos dos seus companheiros de conspiração. No entanto, tais pensamentos diziam-lhe que era mais fácil para si identificar-se com a vítima do que com os atacantes — uma tendência característica dos Tleilaxu.

Scytale manteve-se num silêncio assombroso, ligeiramente afastado dos restantes. A discussão sobre veneno psíquico mantinha-se já há algum tempo. Era energética e veemente, mas educada, naquele modo cegamente compulsivo que os membros das Grandes Escolas adotavam para discutir os assuntos próximos do seu dogma.

— Quando achamos que o temos trespassado, eis que aparece sem o menor ferimento!

Quem falava era a velha Reverenda Madre das Bene Gesserit, Gaius Helen Mohiam, a anfitriã, ali em Wallach IX. Era uma mulher esbelta, de roupas negras, uma velha bruxa sentada numa cadeira flutuante, à esquerda de Scytale. O capuz de abas tinha sido afastado para trás, expondo o rosto lustroso por baixo dos cabelos prateados. Os olhos profundamente encovados espreitavam no meio das feições cadavéricas.

Usavam uma linguagem *mirabhasa*, constituída por consoantes agudas produzidas na falange e ditongos. Era um instrumento para

transmitir delicadas subtilezas emocionais. Edric, o Navegador da Guilda, respondeu então à Reverenda Madre com uma cortesia vocal contida num sorriso escarninho — um adorável toque de delicadeza desdenhosa.

Scytale olhou para o enviado da Guilda. Edric nadava num recipiente de gás alaranjado, a poucos passos de distância. O recipiente estava colocado no centro da cúpula transparente que a Irmandade Bene Gesserit tinha mandado construir para aquela reunião. O Representante da Guilda tinha uma figura alongada, vagamente humanoide, com pés em forma de barbatana e mãos com enormes membranas — era um peixe num estranho oceano. Os respiradouros do tanque emitiam uma pálida nuvem laranja impregnada do aroma da especiaria geriátrica, melange.

— Se continuarmos nesta direção, morreremos de estupidez!

Quem falava era a quarta pessoa presente — o *potencial* membro da conspiração —, a Princesa Irulan, mulher (*mas não companheira*, como Scytale salientou para si próprio) do inimigo comum a todos os presentes. A Princesa estava junto a um dos cantos do tanque de Edric; era uma mulher alta, loura e bonita, esplendidamente vestida com um manto de pele de baleia azul e chapéu a condizer. Nas orelhas, brilhavam botões dourados. O seu porte era aristocrático, mas havia qualquer coisa na suavidade concentrada das suas feições que denunciava o controlo do seu passado como Bene Gesserit.

O pensamento de Scytale afastou-se das nuances linguísticas e concentrou-se nas nuances de localização. A toda a volta da cúpula viam-se colinas cobertas de neve que começava a derreter e que refletia o azul húmido e manchado do pequeno sol branco e azul que pendia no meridiano.

*Por que razão foi escolhido este lugar em particular?* Foi a questão que Scytale se colocou. Era raro as Bene Gesserit fazerem alguma coisa sem intenção. Como, por exemplo, a disposição ampla da cúpula: um lugar mais convencional e fechado poderia ter causado ao Representante da Guilda algum nervosismo claustrofóbico. As inibições da sua psique relacionavam-se com o nascimento e a vida em espaços abertos fora do seu planeta.

Por outro lado, construir aquele lugar especificamente para Edric seria uma severa constatação da sua fraqueza.

O que estará também apontado para mim, questionou-se Scytale?  
— Não tem nada a dizer, Scytale? — Perguntou a Reverenda Madre com austeridade.

— Deseja envolver-me nesta demanda idiota? — Perguntou ele.  
— Muito bem. Estamos a lidar com um potencial messias. E não se pode dirigir um ataque frontal a um homem desses. Torná-lo num mártir iria derrotar-nos.

Ficaram todos a olhar fixamente para ele.

— Julga que esse é o único perigo? — Perguntou a Reverenda Madre, com a voz a arquejar.

Scytale encolheu os ombros. Tinha escolhido um rosto redondo, pouco interessante, para aquela reunião, com feições alegres e lábios cheios, mas monótonos, e um corpo roliço. Ocorreu-lhe naquele momento, enquanto olhava para os seus companheiros de conspiração, que fizera a escolha indicada — talvez por instinto. Naquele grupo, só ele podia manipular o aspeto físico, recorrendo a uma boa quantidade de formas corporais e feições. Era o camaleão humano, um Polimorfo, e a forma que assumia agora incitava os outros a julgá-lo com alguma leveza.

— Então? — Pressionou a Reverenda Madre.

— Estava a apreciar o silêncio — respondeu Scytale. — As nossas hostilidades são bastante melhores quando não são verbalizadas.

A Reverenda Madre recuou e Scytale percebeu que ela o estava a reavaliar. Eram todos o produto de intensos treinos prana-bindu, capazes de controlar músculos e nervos de um modo que poucos humanos conseguiam reproduzir. Mas Scytale, um Polimorfo, tinha ligações nervosas e musculares que os outros nem sequer possuíam, além de uma capacidade especial de *sympatico*, uma sensibilidade de mimo que lhe permitia espelhar o estado de espírito de outra pessoa com tanta precisão como a aparência original.

Scytale deu-lhe tempo suficiente para completar a reavaliação e depois disse:

— Veneno! — Proferiu a palavra com o atonal que dizia que apenas ele entendia o seu significado secreto.

O Representante da Guilda ficou agitado e a sua voz saiu do globo brilhante que lhe servia de altifalante e que orbitava num canto do tanque, por cima de Irulan.

— Estamos a falar de veneno *psíquico*, não de um veneno físico.

Scytale deu uma gargalhada. O riso mirabhasa podia ser impiedoso para um oponente e ele não estava a conter-se.

Irulan sorriu em sinal de concordância, mas os cantos dos olhos da Reverenda Madre revelavam uma ligeira centelha de fúria.

— Pare com isso! — Exclamou Mohiam.

Scytale parou, mas sentiu que tinha agora a atenção dos restantes; Edric numa raiva silenciosa, a Reverenda Madre alerta na sua fúria e Irulan divertida, mas intrigada.

— O nosso amigo Edric sugere que um par de bruxas Bene Gesserit treinadas em todas as suas subtis maneiras não aprenderam o verdadeiro uso da falsidade — disse Scytale.

Mohiam virou-se para fitar as colinas geladas do seu mundo Bene Gesserit. Scytale percebeu que ela estava a começar a entender o que era vital naquele caso. Isso era bom. Porém, com Irulan a questão era outra.

— É um de nós ou não, Scytale? — Perguntou Edric.

Ele olhava-o através dos seus pequenos e arregalados olhos de roedor.

— A questão aqui não é a minha lealdade — respondeu Scytale. Manteve a atenção concentrada em Irulan. — A Princesa está a questionar-se se foi para isto que percorreu todos aqueles parseques, que se arriscou tanto.

Ela acenou com a cabeça, concordando com ele.

— Terá sido para trocar banalidades com um peixe humanoide ou para discutir com um Tleilaxu Polimorfo roliço? — Perguntou Scytale.

Irulan afastou-se do tanque de Edric, abanando a cabeça como se estivesse aborrecida com o intenso aroma a melange.

Edric aproveitou a oportunidade para colocar uma cápsula de melange na boca. Engoliu a especiaria, inspirou-a e sem dúvida que também a bebeu, reparou Scytale. Era compreensível, uma vez que a especiaria realçava a presciência do navegador, dava-lhe o poder de conduzir uma das naves da Guilda pelo espaço a velocidades bastante superiores à da luz. Com a lucidez que a especiaria lhe conferia, ele encontrava a linha de futuro do veículo que evitava o perigo. Edric

presentia agora uma espécie diferente de perigo, mas o suporte oferecido pela presciência podia não o encontrar.

— Julgo que foi um erro ter vindo até aqui — disse Irulan.

A Reverenda Madre virou-se, abriu os olhos e voltou a fechá-los, num curioso gesto réptil.

Scytale desviou o olhar de Irulan e dirigiu-o ao tanque, convidando a Princesa a partilhar o seu ponto de vista.

Scytale sabia que ela seguiria a sua sugestão e que veria Edric como uma figura repugnante: o olhar fixo e atrevido, as mãos e pés monstruosos que se mexiam suavemente no gás, os redemoinhos de fumo alaranjado que o rodeavam. Ela iria questionar-se sobre os seus hábitos sexuais, pensando como seria estranho acasalar com uma criatura daquelas. Até o gerador do campo de forças que recriava para Edric a ausência de gravidade do espaço a afastaria cada vez mais dele.

— Princesa — disse Scytale, — presumivelmente, uma vez que Edric está presente, a visão oracular do seu marido não poderá ter acesso a certos incidentes... incluindo este.

— Presumivelmente — repetiu Irulan.

A Reverenda Madre acenou com a cabeça, de olhos fechados.

— O fenómeno da presciência ainda não é bem entendido, nem mesmo pelos seus iniciados — disse.

— Eu sou um Navegador da Guilda de pleno direito e tenho o Poder — disse Edric.

A Reverenda Madre abriu novamente os olhos. Desta vez, olhou fixamente para o Polimorfo, com os olhos salientes e intensos, como era característico das Bene Gesserit. Estava a avaliar os detalhes.

— Não, Reverenda Madre — murmurou Scytale, — não sou tão simplório como aparento.

— Nós não entendemos este Poder da segunda visão — disse Irulan. — Há um motivo. Edric diz que o meu marido não consegue ver, saber ou predizer o que acontece na esfera de influência de um Navegador. Mas até onde se estende essa influência?

— Há pessoas e coisas no nosso universo que conheço apenas através dos efeitos que têm — disse Edric, com a sua boca de peixe comprimida numa fina linha. — Sei que estiveram aqui... ali... algures. Da mesma forma que as criaturas aquáticas agitam as águas

à sua passagem, também os prescientes agitam o Tempo. Eu vi por onde andou o seu marido; nunca o vi a ele ou as pessoas com quem ele partilha verdadeiramente os seus desejos e lealdades. É esta ocultação que um especialista oferece aos seus.

— Irulan não é sua — disse Scytale, olhando de soslaio para a Princesa.

— Todos sabemos por que motivo esta conspiração deve apenas ser conduzida na minha presença — disse Edric.

Usando a modulação de voz para descrever uma máquina, Irulan disse:

— Aparentemente, o senhor terá os seus usos.

*Ela já o vê como ele é, pensou Scytale. Ótimo!*

— O futuro é algo a ser esculpido — disse Scytale. — Não se esqueça disto, Princesa.

Irulan olhou de relance para o Polimorfo.

— Há pessoas com quem ele partilha os seus desejos e lealdades — disse ela. — Por isso, alguns dos seus legionários Fremem usam o manto dele. Eu já o vi a fazer profecias para eles, já ouvi os gritos de adulação para com o seu Mahdi, o seu Muad'dib.

*Já lhe ocorreu que está aqui para ser julgada, pensou Scytale, que a sentença que será tomada poderá preservá-la ou destruí-la. Apercebeu-se da armadilha que montámos para si.*

O olhar de Scytale cruzou-se momentaneamente com o da Reverenda Madre e teve a estranha percepção de que ambos partilharam o pensamento sobre Irulan. Como era natural, a Bene Gesserit preparou a sua Princesa com todas as habilidades necessárias, as *lie adroit*. Mas chegava sempre uma altura em que uma Bene Gesserit tinha de confiar nos seus próprios ensinamentos e instintos.

— Princesa, sei aquilo que mais deseja da parte do Imperador — disse Edric.

— Quem não sabe? — Perguntou Irulan.

— A Princesa deseja ser a progenitora da dinastia real — disse Edric, como se não a tivesse ouvido. — A não ser que se una a nós, isso talvez nunca venha a acontecer. Acredite na minha palavra oracular. O Imperador casou consigo por razões políticas, mas jamais partilhará da sua cama.

— Então o oráculo é também um voyeur — desdenhou Irulan.



— O Imperador está mais firmemente casado com a sua concubina Fremen do que consigo, Princesa! — Exclamou Edric com brusquidão.

— E ela não consegue dar-lhe um herdeiro — disse Irulan.

— A razão é a primeira vítima da emoção forte — murmurou Scytale. Pressentia a iminente explosão de fúria de Irulan e viu a sua admoestação a surtir efeito.

— Ela não consegue dar-lhe um herdeiro — repetiu Irulan, já com a voz segura e controlada, — porque eu tenho vindo a administrar-lhe secretamente um contracetivo. É esse tipo de admissão que espera de mim?

— Não é uma coisa que o Imperador deva descobrir — disse Edric a sorrir.

— Tenho preparadas certas mentiras para lhe contar — respondeu Irulan. — Ele pode ter sensibilidade para a verdade, mas há mentiras nas quais é mais fácil acreditar do que acreditar na verdade.

— Deve fazer a sua escolha, Princesa — disse Scytale, — mas entenda o que irá protegê-la.

— Paul é justo para comigo — disse ela. — Tenho lugar ao seu lado no Conselho.

— Nos doze anos que se passaram desde que se tornou na sua Princesa Consorte, alguma vez ele demonstrou o menor carinho para consigo? — Perguntou Scytale.

Irulan abanou a cabeça.

— Ele depôs o seu pai com a ajuda da infame horda Fremen, casou consigo para poder reclamar o trono, porém, nunca a coroou como Imperatriz — disse Edric.

— Edric tenta influenciá-la através da emoção, Princesa — comentou Scytale. — Não é interessante?

A Princesa olhou para o Polimorfo, viu o sorriso atrevido nos seus lábios e respondeu com um erguer de sobrancelhas. Scytale percebeu que Irulan entendia perfeitamente que se saísse daquela reunião sob a influência de Edric, como parte da conspiração, aqueles momentos seriam escondidos da visão oracular de Paul. Porém, se recusasse comprometer-se com eles...

— Parece-lhe, Princesa, que Edric mantém uma influência inflexível nesta conspiração? — Perguntou Scytale.

— Eu já concordei — disse Edric, — que vou submeter-me às melhores decisões que as nossas reuniões produzirem.

— E quem determina quais são as melhores decisões? — Continuou Scytale.

— Deseja que a Princesa parta sem se unir a nós? — Perguntou Edric.

— Ele deseja que o seu comprometimento seja real — rugiu a Reverenda Madre. — Não deverá haver falsidade entre nós.

Scytale viu que Irulan estava agora descontraidamente a pensar, com as mãos escondidas nas mangas do manto. Estaria a pensar no isco que Edric lhe lançara: *fundar uma dinastia real!* Estaria a pensar que esquema os conspiradores teriam elaborado para se protegerem dela. Estaria a ponderar muitas coisas.

— Scytale — disse Irulan, — diz-se que o vosso povo, Tleilaxu, tem um estranho sistema de honra: as vossas vítimas têm de ter sempre uma maneira de escapar.

— Se forem capazes de a encontrar, sim — concordou Scytale.

— Eu sou uma vítima? — Perguntou Irulan.

Uma estrondosa gargalhada escapou-se dos lábios de Scytale.

A Reverenda Madre resfolegou.

— Princesa — disse Edric, com a voz suavemente persuasiva, — já é uma de nós, não tenha receios quanto a isso. Não espia a Casa Imperial para as suas supervisoras Bene Gesserit?

— Paul sabe que transmito os meus conhecimentos às minhas professoras.

— Mas não lhes dá o material necessário para que possam conceber uma forte propaganda contra o vosso Imperador? — Perguntou Edric.

*Não o “nosso” Imperador*, salientou mentalmente Scytale. *O “vosso” Imperador*. Irulan fora demasiado bem treinada pelas Bene Gesserit para não reparar naquela nuance.

— A questão centra-se no poder e em como ele pode ser usado — disse Scytale, aproximando-se do tanque do Representante da Guilda. — Nós, Tleilaxu, acreditamos que em todo o universo existe apenas o insaciável apetite pela matéria, essa energia é o único elemento *consistente*. E a energia aprende. Ouça bem o que lhe digo, Princesa: a energia aprende. É a isto que chamamos de poder.

— Ainda não me convenceu de que podemos derrotar o Imperador — disse Irulan.

— Ainda nem sequer nos convencemos a nós mesmos — respondeu Scytale.

— O seu poder confronta-nos para onde quer que nos voltemos — comentou Irulan. — Ele é o kwisatz haderach, aquele que pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Ele é o Mahdi, cujos meros caprichos são comandos absolutos para os seus missionários Qizarate. É o mentat cuja mente computacional ultrapassa até os grandiosos computadores antigos. Ele é o Muad'dib, cujas ordens às legiões Fremmen aniquilam a população dos planetas. Ele possui visões oraculares que viajam até ao futuro. Ele tem o padrão genético que nós, Bene Gesserit, tanto cobizamos...

— Todos conhecemos os seus atributos — interrompeu a Reverenda Madre. — E sabemos que a abominação, a sua irmã, Alia, também possui o padrão genético. Mas eles também são humanos, ambos. E por isso, têm as suas fraquezas.

— Onde estão essas fraquezas humanas? — Perguntou o Polimorfo. — Devemos procurar por elas no braço religioso da sua Jihad? Poderá o Imperador Qizara ser incitado a virar-se contra ele? E quanto à autoridade civil das Casas Principais? Poderá o Alto Conselho do Landsraad fazer mais do que incitar um clamor verbal?

— Eu sugiro o Combinado Honnete Ober de Avanços Mercantis — disse Eddic, virando-se no seu tanque. — CHOAM trata de negócios e os negócios seguem os lucros.

— Ou talvez a mãe do Imperador — disse Scytale. — Dama Jessica, segundo julgo saber, continua em Caladan, mas comunica frequentemente com o seu filho.

— Essa cabra traidora — disse Mohiam com uma voz inexpressiva. — Se pudesse, renegava as minhas próprias mãos, que usei para a treinar.

— A nossa conspiração precisa de um apoio — disse Scytale.

— Somos mais do que conspiradores — contrariou a Reverenda Madre.

— Oh, sim — concordou Scytale. — Somos ativos e aprendemos depressa. Isso faz de nós a única verdadeira esperança de salvação da humanidade. — Falou no modo de discurso que transmitia con-

vicção absoluta, o que era provavelmente uma prova do derradeiro desprezo que um Tleilaxu podia sentir.

Apenas a Reverenda Madre pareceu entender a subtileza do discurso.

— Porque diz isso? — Perguntou, dirigindo a pergunta a Scytale.

Antes que o Polimorfo pudesse responder, Edric pigarreou.

— Não vamos dedicar-nos a trocar disparates filosóficos. Todas as perguntas se podem resumir a uma única: “Porque existem as coisas?” Todas as questões religiosas, comerciais e governamentais têm uma única derivativa: “Quem vai exercer o poder?” Alianças, combinações, complexos, todos perseguem miragens, a não ser que procurem o poder. Tudo o resto são disparates, como a maior parte dos seres pensantes acaba por perceber.

Scytale encolheu os ombros, um gesto concebido unicamente para a Reverenda Madre. Edric tinha respondido à pergunta dela por Scytale. A maior fraqueza do grupo era aquele idiota pontificado. Para se certificar que a Reverenda Madre entendia isto, Scytale disse:

— Escutando atentamente o que diz o professor, é possível adquirir instrução.

A Reverenda Madre acenou lentamente com a cabeça.

— Princesa — disse Edric, — faça a sua escolha. Foi escolhida como um instrumento do destino, o mais requintado instrumento...

— Guarde os seus elogios para aqueles que se deixam influenciar por eles — disse Irulan. — Há pouco mencionou um fantasma, um regressado com o qual podemos contaminar o Imperador. Explique-me melhor.

— O Atreides irá derrotar-se a si próprio! — Grasnou Edric.

— Deixe de falar através de enigmas! — Exclamou Irulan, bruscamente. — Que fantasma é esse?

— Um fantasma bastante invulgar — respondeu Edric. — Tem um corpo e um nome. O corpo consiste na carne do renovado mestre espadachim conhecido por Duncan Idaho. O nome...

— Idaho está morto — disse Irulan. — Paul fez o luto pela sua perda na minha presença. Ele viu Idaho ser assassinado pelos Sardaukar do meu pai.

— Mesmo na derrota, os Sardaukar do seu pai não abandonaram a sabedoria — disse Edric. — Vamos supor que um sábio comandan-

te Sardaukar reconheceu o mestre espadachim num dos corpos que ele e os seus homens haviam chacinado. E depois, o que fez? Existem vários usos para tais restos mortais e treinos possíveis... se formos rápidos na nossa ação.

— Um ghola Tleilaxu — murmurou Irulan, olhando de soslaio para Scytale.

Scytale, observando a atenção da Princesa, colocou em prática os seus poderes de Polimorfo — as formas começaram a fluir noutras formas, a carne a mover-se e a reajustar-se. Até que à frente da Princesa estava um homem esbelto. O rosto permaneceu um tanto arredondado, mas mais moreno, com feições ligeiramente mais planas. Maças do rosto altas formavam prateleiras para os olhos com pálpebras definitivamente orientais. O cabelo era preto e despenteado.

— Um ghola com este aspeto — disse Edric, apontando para Scytale.

— Ou simplesmente um Polimorfo? — Perguntou Irulan.

— Não se trata de um Polimorfo — afirmou Edric. — Um Polimorfo arrisca ser descoberto se estiver sob vigilância prolongada. Não; vamos partir do princípio que o nosso sábio comandante Sardaukar preservou o corpo de Idaho num dos tanques de répteis. Porque não? Aquele corpo tinha a carne e os nervos de um dos melhores espadachins de que há memória, um conselheiro dos Atreides, um génio militar. Que desperdício seria perder todo o treino e capacidades quando estes podiam ser reanimados na pele de um instrutor para os Sardaukar.

— Eu não ouvi sequer um murmúrio acerca disto e era uma das confidentes do meu pai — disse Irulan.

— Ahh, mas o seu pai era um homem derrotado e poucas horas depois já a Princesa tinha sido vendida ao novo Imperador — disse Edric.

— Foi feito? — Exigiu saber a Princesa.

Com um exasperante ar de complacência, Edric respondeu:

— Vamos partir do princípio que o nosso sábio comandante Sardaukar, reconhecendo a necessidade de ser veloz, enviou imediatamente a carne preservada de Idaho para Bene Tleilax. Vamos ainda supor que o comandante e os seus homens morreram antes de poderem transmitir esta informação ao seu pai — que de qual-

quer maneira não podia fazer grande uso dela. Restaria então uma questão meramente física, um pedaço de carne que fora enviado para Tleilaxu. Como é óbvio, havia apenas uma maneira de o enviar, através de uma nave. Nós, na Guilda, sabemos naturalmente todas as cargas que transportamos. Ao tomar conhecimento da natureza desta carga em particular, não acharíamos ser de uma sabedoria adicional comprar o ghola como um presente adequado para oferecer ao Imperador?

— Então foi feito — constatou Irulan.

Scytale, que já tinha regressado à sua aparência roliça, disse:

— Como o nosso amigo alado indicou, sim, fizemo-lo.

— Como foi condicionado Idaho? — Perguntou Irulan.

— Idaho? — Perguntou Edric, olhando para o Tleilaxu. — Sabe da existência de Idaho, Scytale?

— Vendemos-lhe uma criatura chamada Hayt — disse Scytale.

— Ah, sim... Hayt — disse Edric. — Por que motivo o venderam?

— Porque também nós conseguimos criar o nosso próprio kwisatz haderach — disse Scytale.

Com um rápido movimento da velha cabeça, a Reverenda Madre olhou para Scytale.

— Não nos contou nada acerca disso! — Acusou.

— Vocês não perguntaram — foi a resposta de Scytale.

— Como conseguiram derrotar o vosso kwisatz haderach? — Perguntou Irulan.

— Uma criatura que passou a vida a criar uma representação particular da sua própria pessoa prefere morrer do que tornar-se na antítese dessa mesma representação — respondeu Scytale.

— Não entendo — arriscou Edric.

— Ele suicidou-se — grunhiu a Reverenda Madre.

— Está a seguir bem o meu raciocínio, Reverenda Madre — avisou Scytale, com um tom de voz que pretendia dizer: Não és um objeto sexual, nunca foste e jamais serás um objeto sexual.

O Tleilaxu esperou que a ênfase evidente das suas palavras fosse devidamente interiorizada. Ela não devia confundir a sua intenção. A percepção devia trespassar a fúria e instalar-se na consciência de que o Tleilaxu não poderia estar a fazer uma acusação daquelas, conhe-

cendo com toda a certeza as exigências de reprodução da Irmandade. Porém, as suas palavras continham um insulto notório, completamente despropositado num Tleilaxu.

Edric tentou amenizar o momento, usando com celeridade a capacidade apaziguadora da mirabhasa.

— Scytale, disse-nos que vendeu Hayt porque partilhava do nosso desejo sobre a sua utilização.

— Edric, vai ficar em silêncio até eu lhe dar autorização para falar — disse Scytale.

Quando o Representante da Guilda se preparava para começar a protestar, a Reverenda Madre disse com brusquidão:

— Edric, cale-se!

O Representante da Guilda recuou no interior do seu tanque com evidente agitação.

— As nossas próprias emoções efémeras não são pertinentes para a resolução do problema que nos une — disse Scytale. — Elas toldam-nos a razão, porque a única emoção relevante é o medo básico que fez com que nos juntássemos nesta reunião.

— Compreendemos — disse Irulan, olhando de relance para a Reverenda Madre.

— Devem entender as perigosas limitações do nosso escudo — continuou Scytale. — O oráculo não pode encontrar por acaso uma coisa que não entende.

— O senhor pensa de modo tortuoso, Scytale — disse Irulan.

*Quão tortuoso sou, ela não pode adivinhar, pensou Scytale. Quando isto acabar, possuiremos um kwisatz haderach que podemos controlar. Estes que me acompanham não possuirão coisa alguma.*

— Qual era a origem do vosso kwisatz haderach? — Perguntou a Reverenda Madre.

— Interessámo-nos por várias essências puras — explicou Scytale. — Bondade e maldade pura. Um vilão puro que se delicia apenas com a criação do terror e dor pode ser bastante educativo.

— O velho Barão Harkonnen, o avô do nosso Imperador, era ele uma criação Tleilaxu? — Perguntou Irulan.

— Não era criação nossa — disse Scytale. — Mas a natureza por vezes produz criaturas tão mortais quanto as nossas. Nós só nos limitamos a produzi-las sob condições em que as podemos estudar.

— Eu não serei ignorado e tratado desta forma! — Protestou Edric. — Quem é que oculta esta reunião do...

— Estão a ver? — Perguntou Scytale. — Quem possui o melhor discernimento para nos proteger? Que discernimento?

— Desejo discutir uma maneira de oferecermos Hayt ao Imperador — insistiu Edric. — Segundo julgo saber, Hayt reflete a moralidade que Atreides aprendeu no seu mundo natal. Hayt deve facilitar o alargamento da natureza moral do Imperador, ajudar a delinear os elementos positivos e negativos da sua vida e religião.

Scytale sorriu, oferecendo um sorriso benigno aos seus companheiros. Eles eram como tinha sido levado a acreditar. A velha Reverenda Madre empunhava as suas emoções como se fossem uma gadanha. Irulan tinha sido bem treinada para uma tarefa na qual falhara, era uma criação Bene Gesserit mas com falhas. Edric não era mais (nem menos) que a mão do mágico: podia esconder e distrair. Por enquanto, Edric voltou a recolher-se num silêncio taciturno enquanto os restantes o ignoravam.

— Devo presumir que este Hayt tem como objetivo envenenar a mente de Paul? — Perguntou Irulan.

— Mais ou menos — respondeu Scytale.

— E quanto aos Qizarate? — Continuou Irulan.

— Basta uma ligeira mudança de ênfase, um pequeno deslizamento de emoções, para transformar a inveja em inimizade — disse Scytale.

— E CHOAM? — Perguntou Irulan.

— Eles ficarão do lado do lucro — foi a resposta de Scytale.

— E quanto aos restantes grupos de poder?

— Um deles invoca o nome de governo — explicou Scytale. — Anexaremos o grupo menos importante em nome da moralidade e do progresso. A nossa oposição perecerá com as complicações que irá criar para si própria.

— Alia também?

— Hayt é um gholá com vários objetivos — disse Scytale. — A irmã do Imperador está numa idade em que pode ser distraída por um macho encantador que foi concebido para esse mesmo propósito. Ela sentir-se-á atraída pela sua masculinidade e pelas suas capacidades enquanto mentat.



Mohiam permitiu que os seus velhos olhos se arregalassem com a surpresa.

— O gholá é um mentat? É uma jogada perigosa.

— Para ser convincente, um mentat deve possuir informações bastante precisas — disse Irulan. — E se Paul lhe pedir que defina a intenção por detrás da nossa oferta?

— Hayt dirá a verdade — respondeu Scytale. — Não fará a menor diferença.

— Então deixa uma porta por onde Paul poderá escapar — comentou Irulan.

— Um mentat! — Resmungou Mohiam.

Scytale olhou para a velha Reverenda Madre, vendo os ódios antigos que davam cor às suas respostas. Desde os dias da Jihad Butleriana, quando as “máquinas pensantes” foram apagadas da face do universo, que os computadores inspiravam grande desconfiança. Emoções velhas coloriam também o velho computador humano.

— Não gosto da maneira como sorri — disse Mohiam abruptamente, falando de modo verdadeiro, enquanto olhava furiosamente para Scytale.

No mesmo modo, Scytale respondeu-lhe:

— E eu ainda me preocupo menos com aquilo que lhe agrada. Mas devemos trabalhar juntos. Todos reconhecemos isso. — Olhou de relance para o Representante da Guilda. — Não reconhecemos, Edric?

— O senhor ensina dolorosas lições — respondeu Edric. — Presumo que pretende certificar-se de que não deverei impor-me perante o discernimento combinado dos meus companheiros de conspiração.

— Como veem, ele pode ser ensinado — disse Scytale.

— Vejo também outras coisas — grunhiu Edric. — O Atreides detém o monopólio da especiaria. Sem ela, não serei capaz de perscrutar o futuro. As Bene Gesserit perderão o seu sentido da verdade. Temos especiaria armazenada, mas a quantidade é finita. Melange é uma moeda poderosa.

— A nossa civilização tem mais do que uma unidade monetária — disse Scytale. — Por isso, a lei da oferta e da procura é falível.

— Está a pensar em roubar o segredo da especiaria — sibilou Mohiam. — Mas ele tem o planeta guardado pelos seus loucos Fremen!

— Os Fremen são um povo civilizado, educado e ignorante — disse Scytale. — Não são loucos. São treinados para acreditar, não para saber. As crenças podem ser manipuladas. Só o conhecimento é perigoso.

— Mas restar-me-á alguma coisa com que começar a procriação de uma dinastia real? — Perguntou Irulan.

Todos ouviram o comprometimento da sua voz, embora só Edric tenha reagido a ele com um sorriso.

— Alguma coisa — disse Scytale. — Alguma coisa.

— Significa o fim deste Atreides como uma força de poder — disse Edric.

— Julgo que outros menos dotados em termos oraculares já haviam feito essa mesma previsão — disse Scytale. — Para eles, *mektub al mellah*, como dizem os Fremen.

— O dito foi escrito com sal — traduziu Irulan.

Quando ela falou, Scytale reconheceu o que a Bene Gesserit exibiu ali à sua frente — uma mulher inteligente e bonita que jamais poderia ser sua. *Oh, bem*, pensou, *talvez faça uma cópia*.

*Cada civilização deve competir com uma força inconsciente que consiga bloquear, trair ou anular quase todas as intenções conscientes da coletividade.*

— Teorema Tleilaxu (por provar)

Paul estava sentado na beira da cama e começou a tirar as botas do deserto. Tinham um cheiro rançoso, devido ao lubrificante que facilitava a ação das bombas colocadas nos tacões e que guiavam o fato destilatório. Já era tarde. Tinha prolongado o seu passeio noturno e causado preocupação àqueles que o amavam. A verdade era que os passeios eram perigosos, mas eram uma espécie de perigo que Paul era capaz de reconhecer e fazer frente de imediato. Havia qualquer coisa de atraente e irresistível em caminhar anonimamente, à noite, pelas ruas de Arrakeen.

Atirou as botas para o canto por baixo do único globoclarão do quarto e começou a puxar as faixas vedantes do fato destilatório. Pelos deuses, como estava cansado! Porém, o cansaço ficava-se pelos músculos e deixava a sua mente em grande agitação. Observar as atividades mundanas da vida quotidiana deixava-o inundado de uma profunda inveja. A maior parte daquela vida sem nome que fluía no exterior das muralhas do seu forte não podia ser partilhada por um Imperador, mas... poder caminhar por uma rua pública sem atrair as atenções: que privilégio! Passar pelo clamor dos peregrinos mendigos, ouvir um Fremen a proferir impropérios para um lojista: “Tu tens as mãos húmidas!”...

Paul sorriu perante a recordação e deslizou de dentro do fato.

Ficou de pé, nu, e estranhamente sintonizado com o seu mundo. Duna era agora um mundo paradoxal — um mundo cercado, no entanto era também o centro do poder. Paul decidiu que estar

sob cerco era o destino inevitável do poder. Olhou fixamente para a carpete verde, sentindo a sua textura áspera contra as solas dos pés.

A areia nas ruas tinha uma altura até ao tornozelo; fora soprada pelas nuvens baixas por cima da Muralha Escudo. O tráfego pedestre transformara a areia num pó sufocante que entupia os filtros dos fatos destilatórios. Apesar de já ter passado por um jato de ar junto dos portões do forte, Paul ainda conseguia cheirar o pó. Era um odor repleto de memórias do deserto.

*Outros tempos... outros perigos.*

Comparando com esses outros tempos, o perigo dos seus passeios noturnos era insignificante. Mas, ao vestir um fato destilatório, estava a vestir o deserto. O fato, com todos os seus mecanismos de recolha de humidade corporal, guiava os pensamentos de modos subtis, fixava os movimentos num padrão desértico. Ele tornava-se num Fremen selvagem. Mais do que um disfarce, o fato transformava-o num estranho para a sua própria cidade. No fato destilatório, ele abandonava a segurança e voltava a vestir as velhas capacidades violentas. Nessa altura, os peregrinos e cidadãos da cidade passavam por ele com os olhos colados no chão. Por pura prudência, deixavam os selvagens em paz. Se o deserto tinha um rosto para os habitantes da cidade, era um rosto Fremen escondido sob a máscara facial do fato destilatório.

Na verdade, agora existia um perigo mínimo de que alguém dos velhos tempos do *sietch* o pudesse marcar pelo seu modo de caminhar, pelo seu odor ou pelos seus olhos. E mesmo assim, as hipóteses de se cruzar com um inimigo eram reduzidas.

O ruído de umas portas de tecido e um raio de luz interromperam o seu devaneio. Chani entrou trazendo o seu café num tabuleiro de platina. Dois globoclarões seguiam-na e assumiram as suas posições: um à cabeceira da cama e outro a pairar ao seu lado para iluminar o que ia fazer.

Chani movia-se com um ar de frágil e intemporal poder — tão controlada, tão vulnerável. Qualquer coisa na maneira como se debruçou por cima do serviço de café recordou Paul dos primeiros tempos que passaram juntos. As suas feições continuavam estranhamente semelhantes às de um duende, aparentemente in-

cólumes ao passar dos anos — a não ser que se examinasse com atenção os contornos dos seus olhos sem branco e se vissem as linhas que os vincavam: os Fremen do deserto chamavam-lhes “rastos de areia”.

Quando Chani levantou a tampa do bule, pela bola de esmeralda Hagar, o vapor ergueu-se no ar. Pela forma como ela pousou a tampa, Paul percebeu que o café ainda não estava pronto. O bule — de prata canelada em forma de corpo feminino, prenhe — tinha chegado à sua posse como um *ghanima*, o resultado de uma pilhagem numa batalha ganha, quando chacinara o anterior proprietário num único confronto. Jamis, era esse o nome do homem... Jamis. Que estranha imortalidade a morte granjeara a Jamis. Sabendo que a morte seria inevitável, teria Jamis levado aquele bule em particular com as suas próprias mãos?

Chani dispôs as chávenas: porcelana azul que se acocorava como pequenos criados por baixo do imenso bule. Estavam ali três chávenas: uma para cada uma das pessoas que iam beber o café e uma por todos os anteriores proprietários.

— É só mais um instante — disse Chani.

Depois olhou para ele e Paul questionou-se como seria a sua imagem aos olhos dela. Seria ainda o exótico estrangeiro, magro e cabeludo, mas cheio de água quando comparado com os Fremen? Continuaría a ser o Usul, o nome dado pela tribo, que a levava em “*tau Fremen*” quando andavam fugidos pelo deserto?

Paul olhou fixamente para o seu próprio corpo: músculos rijos, esguios... algumas cicatrizes a mais, mas era essencialmente o mesmo, apesar dos doze anos que tinham passado desde que se tornara Imperador. Ao olhar para cima, viu o seu rosto num espelho — tinha os olhos inteiramente azuis dos Fremen, que era a marca da dependência da especiaria; tinha o nariz aguçado dos Atreides. Parecia um digno neto de um Atreides que morrera na arena enquanto dava um espetáculo para o seu povo.

Uma coisa que o velho homem dissera deslizou então para a consciência de Paul: “*Aquele que comanda assume irrevogavelmente a responsabilidade pelos comandados. Tu és um marido. Por vezes, isso exige um ato de amor altruísta que pode apenas ser divertido para aqueles que comandas.*”

O povo ainda se recordava do velho homem com afeto.

*E o que fiz eu em prol do nome Atreides?* Perguntou-se Paul. *Liber-tei o lobo no meio do rebanho.*

Por instantes, pensou em todas as mortes e violências perpetradas em seu nome.

— Vamos para a cama, vá! — Disse Chani num tom agudo de comando que Paul sabia que deixaria chocados os seus súbditos imperiais.

Obedeceu, deitando-se de costas com as mãos atrás da cabeça, e deixando-se embalar pela agradável familiaridade dos movimentos de Chani.

O quarto em seu redor pareceu-lhe subitamente bastante divertido. Não era de todo como a população devia imaginar os aposentos do Imperador. A luz amarelada dos incansáveis globoclarões fazia movimentar as sombras sobre uma quantidade de frascos coloridos pousados sobre uma prateleira, atrás de Chani. Paul enunciou o conteúdo dos frascos silenciosamente — eram os ingredientes secos da farmacopeia do deserto, unguentos, incenso, mementos... uma pitada de areia de Sietch Tabr, uma mecha de cabelo do primeiro filho de ambos... há muito falecido... morto há doze anos... um espetador inocente que foi morto na batalha que fez de Paul o Imperador.

O aroma rico da especiaria café encheu a sala. Paul inspirou e o seu olhar recaiu sobre uma taça amarela ao lado do tabuleiro onde Chani preparava o café. A taça continha frutos secos moídos. O inevitável detetor de veneno estava por baixo da mesa e acenava os braços insetíferos por cima da comida. O detetor irritava-o. Quando viviam no deserto, nunca tinham precisado de ninguém para detetar veneno!

— O café está pronto — disse Chani. — Tens fome?

A sua recusa furiosa foi abafada por um grito agudo de um queimador de especiaria que se projetou em direção ao céu, nos campos que rodeavam Arrakeen.

Chani viu a sua fúria, mas, ainda assim, serviu o café e colocou uma chávena junto da mão de Paul. Sentou-se aos pés da cama, destapou as pernas de Paul e começou a massajar os músculos que se encontravam comprimidos devido às caminhadas com o fato desti-

latório. Suavemente, com um ar casual que não conseguia enganar Paul, Chani disse:

— Vamos conversar sobre o desejo de Irulan em ter um filho.

Os olhos de Paul arregalaram-se. Observou Chani cuidadosamente.

— Irulan voltou de Wallach há menos de dois dias — disse. — Já começou a aborrecer-te?

— Não discutimos as suas frustrações — respondeu Chani.

Paul obrigou-se a ficar mentalmente alerta, e examinou Chani com a dura luz estudiosa e detalhada própria dos Modos Bene Geserit que a sua mãe lhe ensinara, violando os seus votos. Era uma coisa que não gostava de fazer com Chani. Uma parte do poder que ela tinha sobre ele era devido à raridade com que Paul precisava de utilizar os seus poderes de tensão com ela. Chani evitava quase sempre as perguntas indiscretas. Mantinha o modo educado dos Fremen. As questões que colocava eram na maior parte das vezes de natureza prática. O que interessava a Chani eram os factos que advinham da posição do seu homem — a sua força no Conselho, a lealdade das suas legiões, as capacidades e talentos dos seus aliados. A memória de Chani continha catálogos de nomes e detalhes cruzados. Podia falar longamente sobre as principais fraquezas de todos os inimigos conhecidos de Paul, sobre as disposições potenciais das forças que se opunham a ele, sobre os planos de batalha dos seus líderes militares, sobre a maquinaria e capacidade de produção das indústrias básicas do Império.

Paul questionou-se por que motivo fazia agora perguntas sobre Irulan.

— Perturbei a tua mente — disse Chani. — Não era essa a minha intenção.

— E qual era a tua intenção?

Ela sorriu timidamente, enfrentando o olhar dele.

— Amor, se estás zangado, por favor, não o escondas.

Paul deixou-se cair contra a cabeceira da cama.

— Queres que a mande embora? — Perguntou. — O seu uso aqui é agora limitado e não me agrada nada as coisas que pressinto em relação a esta viagem que fez à sede da Irmandade.

— Não vais mandá-la embora — disse Chani. Continuou a mas-

sajar-lhe as pernas e falou descontraidamente. — Já disseste muitas vezes que ela é o teu contacto com os teus inimigos, que consegues ler os planos deles através das ações de Irulan.

— Então por que motivo me perguntaste sobre a sua vontade de ter um filho?

— Acho que se engravidasse de ti, isso iria deixar os nossos inimigos desconcertados e colocaria Irulan numa posição vulnerável.

Paul percebeu pelos movimentos das mãos de Chani nas suas pernas o que aquela afirmação lhe custara. Um nó começou a formar-se na sua garganta. Disse então, suavemente:

— Chani, meu amor, fiz uma jura em como jamais a levaria para a minha cama. Um filho ia dar-lhe demasiado poder. Queres que ela ocupe a tua posição?

— Eu não tenho posição.

— Não é verdade, Sihaya, minha primavera no deserto. Que preocupação súbita é esta com Irulan?

— A preocupação é contigo, não com ela! Se carregasse no ventre um herdeiro Atreides, os seus amigos questionariam a lealdade que lhes deve. Quanto menos confiança os nossos inimigos tiverem nela, menos útil Irulan será para eles.

— Um filho para ela pode significar a tua morte — disse Paul. — Sabes como são as conspirações neste lugar. — Um movimento do braço abarcou toda a Torre.

— Mas tu precisas de um herdeiro! — Exclamou Chani.

— Ahh — disse Paul.

Então era isso: Chani ainda não tinha conseguido dar-lhe um filho. Nesse caso, alguém devia fazê-lo. Porque não Irulan? Era desta forma que a mente de Chani funcionava. E devia ser concebido num ato de amor, porque todo o Império nutria profundos tabus acerca das maneiras artificiais de conceção. Chani tinha chegado a uma decisão Fremem.

Paul observou o seu rosto sob aquela nova luz. Era um rosto que de certa forma conhecia melhor que o seu. Já o vira suavizado pela paixão, adocicado pelo sono, lavado em lágrimas e inundado de fúria e medo.

Fechou os olhos e Chani chegou até si mais uma vez como uma rapariga — banhada de primavera, a cantar, a acordar ao lado dele



— tão perfeita que a mera visão o consumia. Na sua memória, ela sorria... primeiro com timidez, depois combatendo a visão, como se quisesse fugir.

A boca de Paul ficou seca. Por instantes, as suas narinas cheiraram o fumo de um futuro devastado e ouviu a voz de um outro tipo de visão a ordenar-lhe que se libertasse... liberta-te... liberta-te. Há muito tempo que as suas visões proféticas andavam a perscrutar a eternidade, apanhando fragmentos de línguas estrangeiras, ouvindo as pedras e corpos que não eram o seu. Desde o dia do seu primeiro encontro com um terrível destino que espreitava para o futuro, esperando encontrar nele a paz.

Existia uma maneira, naturalmente. Sabia-a de cor sem a saber de facto — uma rota futura, austera nas instruções que lhe dava: liberta-te, liberta-te, liberta-te...

Paul abriu os olhos e viu a decisão no rosto de Chani. Tinha parado de massajar as suas pernas e estava agora sentada muito quieta — era a pureza Fremen. As suas feições continuavam as mesmas por debaixo do lenço *nezhoni* que usava frequentemente sobre o cabelo, quando estavam na privacidade do quarto de ambos. Mas a máscara da decisão estava colocada sobre o seu rosto, numa maneira de pensar antiga que Paul não reconhecia. As mulheres Fremen partilhavam os seus homens há milhares de anos — nem sempre em paz, mas de um modo que tornava o facto não destrutivo. Alguma coisa misteriosamente Fremen tinha acontecido a Chani no que dizia respeito àquela questão.

— Tu vais dar-me o único herdeiro que quero — disse Paul.

— Já o viste? — Perguntou Chani, tornando óbvio pela ênfase das suas palavras que se referia à presciência dele.

Como já tinha feito muitas vezes, Paul questionou-se como podia explicar a delicadeza do oráculo, as Linhas Temporais sem números que as visões agitavam em frente aos seus olhos, como se fossem um tecido ondulante. Suspirou, recordou-se da água retirada de um rio pelas suas mãos em concha — a tremer, a esvair-se. A memória inundava o seu rosto de água. Como podia ele mergulhar em futuros cada vez mais obscuros com a pressão de demasiados oráculos?

— Então não o viste realmente — disse Chani.

Aquela visão esparsa do futuro, que só já se encontrava acessível

para ele às custas de um esforço esgotante, podia trazer-lhes o quê, exceto mágoa? Foi a pergunta que Paul se fez. Sentia-se a ocupar uma inóspita zona intermédia, um lugar ermo onde as suas emoções andavam à deriva, onde oscilavam, varridas para os limites num desassossego descontrolado.

Chani tapou-lhe as pernas e disse:

— Um herdeiro para a Casa Atreides não é uma coisa que possas deixar nas mãos do acaso ou de uma única mulher.

Era uma coisa que a sua mãe poderia ter dito, pensou Paul. Questionou-se se também Dama Jessica andaria a comunicar secretamente com Chani. A sua mãe pensaria apenas no bem da Casa Atreides. Era uma tendência que lhe fora inculcada por criação e condicionamento pelas Bene Gesserit e continuava a manter-se ativa mesmo agora que os seus poderes se haviam virado contra a Irmandade.

— Estavas a ouvir quando Irulan veio falar comigo hoje — acusou Paul.

— Estava — disse Chani, sem olhar para ele.

Paul concentrou a sua memória no encontro que tivera com Irulan. Entrou no salão familiar e viu um manto inacabado no tear de Chani. A sala estava inundada por um odor acre a vermes, um odor fétido que quase se aproximava da nota básica a canela característica da melange. Alguém tinha entornado essência de especiaria e deixara-a ali para que se misturasse com o tapete já tocado pela melange. Não tinha sido uma combinação feliz. A essência de especiaria dissolveu-se no tapete. Manchas oleosas estavam coaguladas no chão de pedra, onde antes estivera o tapete. Pensou que devia mandar chamar alguém para limpar aquela confusão, mas depois Harah, a mulher de Stilgar e a amiga mais próxima de Chani, entrara na sala para anunciar Irulan.

Foi forçado a conduzir a conversa na presença daquele odor terrível, sem conseguir escapar à superstição Fremen de que os cheiros fétidos predizem desgraças.

Harah retirou-se quando Irulan entrou.

— Bem-vinda — disse Paul.

Irulan usava um manto cinzento de pelo de baleia. Aconchegou-o ao peito e levou uma mão ao cabelo. Paul percebeu que ela estava a questionar-se quanto ao tom amistoso das suas palavras. As palavras

furiosas que tinha obviamente preparado para aquela conversa quase se ouviam a abandonar a sua mente numa torrente de pensamentos reformulados.

— Vieste relatar que a Irmandade perdeu o seu último vestígio de moralidade — disse Paul.

— Não é perigoso ser-se assim tão ridículo? — Perguntou Irulan.

— Ser ridículo e perigoso, ora aí está uma aliança questionável — comentou Paul.

O seu renegado treino Bene Gesserit detetou a recusa de um impulso de Irulan para abandonar a sala. O esforço expôs um breve vislumbre de medo subconsciente e Paul percebeu que ela tinha sido incumbida de uma tarefa que não lhe agradava.

— Eles esperam um pouco de mais de uma princesa com sangue real — disse.

Irulan ficou muito quieta e Paul percebeu que se tinha encerrado num controlo extremamente apertado. Devia ser um fardo realmente pesado, pensou. E questionou-se por que motivo as suas visões presentes não lhe tinham proporcionado o menor vislumbre daquele possível futuro.

Lentamente, Irulan começou a descontrair. Tinha decidido que não valia a pena ceder ao medo, não valia a pena retirar-se.

— Permitiste que o tempo caísse num padrão bastante primitivo — disse, esfregando os braços por cima do manto. — Estava seco e hoje houve uma tempestade de areia. Nunca vais deixar que a chuva chegue a este lugar?

— Tu não vieste até aqui para falar do tempo — disse Paul.

Sentia estar submerso em duplos significados. Estaria Irulan a tentar dizer-lhe alguma coisa que o seu treino não lhe permitia dizer abertamente? Era o que parecia. Sentia que tinha sido deixado à deriva e precisava de encontrar o caminho de volta para um lugar seguro.

— Tenho de ter um filho — disse Irulan.

Paul abanou a cabeça.

— Quero que as coisas sejam feitas à minha maneira! — Exclamou ela, furiosamente. — Se for necessário, encontro outro pai para o meu filho. Traio-te e desafio-te a denunciáres-me.

— Podes trair-me à vontade — disse Paul, — mas não terás um filho.

— Como podes impedir-me?

Com um sorriso de quase bondade, Paul respondeu:

— Mando estrangular-te, se for preciso chegar a tanto.

Um silêncio chocado imobilizou Irulan durante alguns instantes e Paul pressentiu que Chani ouvia a conversa por detrás dos pesados reposteiros dos seus aposentos privados.

— Eu sou tua mulher — murmurou Irulan.

— Não vamos começar com estes jogos idiotas. Tu desempenhas um papel, nada mais. Ambos sabemos quem é a minha mulher.

— E eu sou apenas uma conveniência, mais nada — respondeu Irulan, com a voz pesada de tanta amargura.

— Não tenho o menor desejo de ser cruel contigo — respondeu Paul.

— Tu escolheste-me para esta posição.

— Não fui eu quem te escolheu — disse Paul. — Foi o destino. O teu pai. As Bene Gesserit. A Guilda. E voltaram a escolher-te agora. Para o quê te escolheram, Irulan?

— Porque não posso ter um filho teu?

— Porque esse é um papel para o qual não foste escolhida.

— É um direito meu conceber o herdeiro real! O meu pai era...

— O teu pai era e ainda é uma besta. Ambos sabemos que perdeu quase inteiramente o contacto com a humanidade que devia governar e proteger.

— Seria ele menos odiado do que tu és odiado agora? — Disparou Irulan.

— É uma boa pergunta — concordou Paul, com um sorriso sarcástico a aflorar os cantos dos lábios.

— Dizes que não desejas ser cruel para comigo, e no entanto...

— É por isso que concordo que tenhas como amante o homem que escolheres. Mas entende bem o que te digo: arranja um amante, mas não te atrevas a trazer um filho de outro homem para a minha casa. Renegarei a criança. Não me importo com as possíveis alianças que faças com outros homens, desde que sejas discreta... e não concebas filhos. Seria tolo da minha parte ter outra opinião, dadas as circunstâncias. Mas não presumas que esta licença que livremente te concedo tem outros significados. No que diz respeito ao trono, quem controla o sangue do seu herdeiro sou eu. Não são as Bene Gesserit

nem a Guilda que o controlam. Este foi um dos privilégios que conquistei quando esmaguei as legiões Sardaukar do teu pai lá fora, na Planície de Arrakeen.

— Está tudo na tua cabeça, então — disse Irulan.

Deu meia-volta e saiu do salão.

Ao recordar-se do encontro, Paul afastou a mente das memórias e concentrou-se em Chani, que estava sentada ao seu lado, na cama. Conseguia entender os sentimentos ambivalentes que nutria por Irulan e a decisão Fremem tomada por Chani. Se as circunstâncias fossem outras, Chani e Irulan poderiam ter sido amigas.

— O que decidiste? — Perguntou Chani.

— Não vai haver filhos — respondeu Paul.

Chani fez o sinal da cruz Fremem com o dedo indicador e o polegar da mão direita.

— Podia chegar mesmo a esse ponto — concordou ele.

— Não achas que uma criança ajudaria a resolver as coisas com Irulan?

— Só um tolo acreditaria nisso.

— Eu não sou tola, meu amor.

Paul sentiu-se possuído pela fúria.

— Eu não disse que eras! Mas nós não estamos a discutir um maldito romance ficcional. No fundo do corredor está uma princesa de verdade. Ela foi criada no meio de todas as intrigas sórdidas de uma Corte Imperial. Para ela, conspirar é tão natural como escrever as suas estúpidas histórias!

— As histórias dela não são estúpidas, meu amor.

— Provavelmente não — concedeu, procurando controlar a fúria; pegou na mão de Chani. — Desculpa. Mas aquela mulher está metida em muitas conspirações... conspirações dentro de conspirações. Se cedermos a uma das suas ambições, estamos apenas a abrir caminho para outra.

Com uma voz meiga, Chani disse:

— E não foi isso que eu sempre disse?

— Sim, claro que sim. — Paul olhou fixamente para ela. — Então, o que estás a tentar dizer-me, de verdade?

Ela deitou-se ao lado dele e pousou a cabeça junto do seu pescoço.

— Eles chegaram a uma decisão quanto ao modo como vão enfrentar-te — disse. — Irulan tresanda a decisões secretas.

Paul acariciou-lhe o cabelo.

Chani tinha retirado todas as impurezas.

Uma resolução terrível chegou ao corpo de Paul. Era um vento *coriolis* que lhe fustigava a alma. Sibilava por entre a estrutura do seu ser. O corpo dele sabia coisas que nunca tinham sido aprendidas pela consciência.

— Chani, meu amor — murmurou Paul, — sabes o que faria para acabar com esta Jihad; para me separar da maldita cabeça endeusada que os Qizarate forçam sobre mim?

Chani estremeceu.

— A única coisa que precisas de fazer é dar a ordem — disse.

— Oh, não, não é. Mesmo que eu morresse agora, o meu nome continuaria a liderá-los. Quando penso no nome Atreides ligado a esta carnificina religiosa...

— Mas tu és o Imperador! Tu podes...

— Eu sou apenas uma figura emblemática. Quando se endeusa alguém, essa é a única coisa que o suposto deus deixa de conseguir controlar. — Uma gargalhada amargurada sacudiu o seu corpo. Presentia o futuro a olhar para ele através de dinastias que ainda nem tinham sido sonhadas. Sentiu o seu ser expulso, a chorar, libertado das grilhetas do destino; só o seu nome continuava a existir. — Eu fui escolhido — disse. — Talvez desde o nascimento... certamente antes de poder ter uma palavra sobre o assunto. Eu fui escolhido.

— Então anula essa escolha — disse Chani.

O braço de Paul apertou o ombro dela.

— A seu tempo, meu amor. Dá-me mais um pouco de tempo.

Lágrimas por derramar queimaram os olhos de Paul.

— Devíamos regressar a Sietch Tabr — disse Chani. — Nesta tenda de pedra em que nos encontramos, há demasiadas coisas contra nós.

Ele acenou com a cabeça, movendo o queixo contra o tecido suave do lenço que lhe cobria os cabelos. O calmante aroma da especiaria emanava dela para o nariz de Paul.

Sietch. A palavra antiga Chakobsa deixou-o absorto: era um lugar de retiro e segurança em tempos de grande perigo. A sugestão de

Chani fê-lo desejar a paisagem da areia livre, as distâncias desimpedidas em que se conseguia ver um inimigo a aproximar-se desde muito longe.

— As tribos esperam que Muad'dib regresse para junto deles — disse Chani. Levantou a cabeça e olhou para ele. — Tu pertences ao nosso povo.

— Eu pertenço a uma visão — murmurou.

Depois pensou na Jihad, no cruzamento de genes pelo infinito e na visão que lhe dizia como tudo podia acabar. Devia ele pagar o preço? Todo o ódio se evaporaria, extinguindo-se como se extinguem as fogueiras — brasa a brasa. Mas... oh! Que preço terrível seria!

*Eu nunca quis ser um deus, pensou. Queria apenas desaparecer como uma gloriosa gota de orvalho apanhada pelo sol da manhã. Queria fugir dos anjos e dos malditos — sozinho... como por distração.*

— Vamos regressar a Sietch? — Insistiu Chani.

— Sim — murmurou Paul. Depois pensou: *tenho de pagar o preço.*

Chani suspirou profundamente, recostando-se novamente contra o corpo dele.

*Já estive aqui tempo de mais, pensou Paul. E percebeu como tinha sido cercado pelas fronteiras do amor e da Jihad. O que era uma vida, por muito amada que fosse, contra todas as vidas que a Jihad certamente continuaria a ceifar? Poderia a infelicidade individual ser comparada com a agonia de multidões?*

— Amor? — Chamou Chani, questionando-o.

Ele encostou a mão aos lábios dela.

*Eu entrego-me sozinho, pensou. Vou sair daqui enquanto ainda tenho força, voo pelo espaço que um pássaro talvez não conseguisse encontrar. Porém, era inútil e Paul sabia. A Jihad seguiria o seu fantasma.*

O que podia responder, questionou-se? O que explicar quando as pessoas lhe cobrassem respostas com a sua idiotice brutal? Quem entenderia?

*Queria apenas olhar para trás e dizer: “Pronto! Ali está uma existência que não foi capaz de me conter. Vejam! Desapareci! Não há amarras ou redes feitas por mãos humanas que me consigam enclausurar, nunca mais! Renuncio à minha religião! Este instante glorioso é meu! Sou livre!”*

*Que palavras vazias!*

— Foi visto um grande verme por baixo da Muralha Escudo, ontem — disse Chani. — Dizem que tinha mais de cem metros de comprimento. Estes vermes maiores vêm cada vez menos a esta região. Acho que deve ser a água que os repele. Dizem que este veio buscar o Muad'dib para regressar a casa, no deserto. — Deu-lhe um beliscão no peito. — Não faças pouco de mim!

— Não me estou a rir.

Paul, apanhado no meio da admiração dos persistentes mitos Fremmen, sentiu o coração apertado, qualquer coisa que se impunha sobre a sua linha da vida: *adab*, a memória exigente. Recordou-se do seu quarto de infância em Caladan e depois... a noite escura na câmara de pedra... uma visão! Tinha sido um dos seus primeiros momentos prescientes. Sentiu a mente a mergulhar na visão, observou através de uma memória coberta com um véu (uma visão dentro de uma visão) uma linha de Fremmen, os mantos debruados com pó. Desfilavam por entre uma fenda nas rochas altas. Levavam um vulto comprido, embrulhado em tecido.

E Paul ouviu-se dizer na visão:

— Quase tudo foi doce... mas tu foste mais doce que tudo...

Adab libertou-o.

— Estás tão quieto — murmurou Chani. — O que foi?

Paul estremeceu, sentou-se e desviou o rosto.

— Estás zangado porque eu fui até à orla do deserto — disse Chani.

Ele abanou a cabeça sem falar.

— Só lá fui porque quero ter um filho — disse Chani.

Paul não conseguia falar. Sentiu-se consumido pelo poder em bruto daquela primeira visão. Que terrível intenção! Naquele momento, toda a sua vida era um ramo agitado pela partida de um pássaro... e o pássaro era a *possibilidade*. O livre arbítrio.

*Sucumbi à tentação do oráculo*, pensou.

E pressentiu que ao sucumbir àquela tentação podia ser fixar-se numa única linha de vida. Seria possível, questionou-se, que o oráculo não *fizesse* o futuro? Teria ele exposto a sua vida a uma rede de ameaças subjacentes, enclausurando-se ali naquele despertar antigo, vítima de um futuro aracnídeo que ainda agora avançava na sua direção com as terríveis pinças abertas?



Um axioma Bene Gesserit entrou na sua mente: *Usar o poder em bruto é tornar-se infinitamente vulnerável a poderes superiores.*

— Sei que não gostas que o faça — disse Chani, tocando-lhe no braço. — É verdade que as tribos recuperaram os velhos rituais e sacrifícios de sangue, mas eu não participei em nenhum deles.

Paul inspirou profundamente, trémulo. A torrente da sua visão dissipou-se, tornou-se num lugar profundo e quieto cujas correntes se moviam com um poder absorvente que estava para lá do seu alcance.

— Por favor — implorou Chani. — Eu quero um filho, um filho nosso. É assim uma coisa tão terrível?

Paul acariciou-lhe o braço, no sítio em que lhe tocara e afastou-se. Desceu da cama, apagou os globos de luz, atravessou o quarto em direção à janela com varanda e abriu as cortinas. O deserto profundo não podia entrar por ali adentro, a não ser com os seus odores. Uma muralha sem janelas erguia-se no céu noturno mesmo à sua frente. O luar brilhava num jardim fechado, onde havia árvores-sentinela, folhas largas, ramos molhados. Por entre as folhas, via um lago com peixes a refletir o céu estrelado, manchas de branco florido por entre as sombras. Por instantes, viu aquele jardim através dos olhos de um Fremen: desconhecido, ameaçador, perigoso no seu desperdício de água.

Pensou nos Vendedores de Água, no seu mester destruído pelas ofertas luxuriantes que lhe saíam das mãos. Eles odiavam-no. Ele trucidara o seu passado. E havia outros também, mesmo aqueles que lutavam pelos soldos para comprar a preciosa água e que o odiavam por mudar o modo de vida antigo. À medida que o padrão ecológico ditado pelo Muad'dib mudava a paisagem do planeta, a resistência humana aumentava. Não seria presunçoso, questionou-se, achar que podia mudar um planeta inteiro — tudo a crescer onde e como ele ordenava que crescesse? Mesmo que fosse bem-sucedido, o que seria do resto do universo? Temeraria receber um tratamento semelhante?

Fechou as cortinas abruptamente e fechou os ventiladores. Viu-se para Chani no meio da escuridão e sentiu-a à sua espera. Os seus anéis de água tilintavam como se fossem as caixas de esmolas dos peregrinos. Paul tateou usando o tilintar como guia e encontrou-a de braços estendidos.

— Meu amor — murmurou Chani. — Aborreci-te?  
Os braços dela abraçaram o futuro dele quando se fecharam em seu redor.  
— Tu não — respondeu. — Oh... tu não.

*O advento do escudo do Campo de Processamento e a lasarma com a sua interação explosiva, mortífera para atacantes e atacados, delinearam as determinações atuais sobre a tecnologia de armamento. Não precisamos de falar do papel especial das armas atômicas. É verdade que o facto de qualquer Família do meu Império poder detonar as suas armas atômicas e assim destruir as bases planetárias de cinquenta ou mais Famílias causa algum nervosismo. Mas todos nós possuímos planos de precaução para retaliação devastadora. A Guilda e o Landsraad detêm as chaves que mantêm esta força controlada. Não, a minha preocupação relaciona-se com o desenvolvimento de seres humanos enquanto armas especiais. Este é um campo virtualmente ilimitado que alguns poderosos estão a desenvolver.*

— **Muad'dib: Lição no Colégio de Guerra**  
**Retirado de A Crónica de Stilgar**

O velho homem estava de pé na soleira da sua porta a espreitar com os olhos inteiramente azuis. Os olhos estavam ensombrados por aquela desconfiança característica dos povos do deserto em relação aos estrangeiros. Amarguradas linhas torturavam os cantos da sua boca, espreitando por entre a barba branca. Não usava fato destilatório e o facto de ignorar deliberadamente que a humidade da sua casa fugia pela porta aberta dizia muito sobre a sua natureza.

Scytale fez uma vénia e fez o sinal de cumprimento dos conspiradores.

Algures por detrás do homem surgiu o som de uma rabeca a gemer com a dissonância atonal da música *semuta*. A postura do velho homem não indicava a lentidão conferida pela droga, o que indicava que a *semuta* servia para provocar fraqueza noutra pessoa. Porém,

Scytale achou estranho encontrar o sofisticado vício num lugar como aquele.

— Cumprimentos vindos de longe — disse Scytale, sorrindo através do rosto plano e inexpressivo que escolhera para o encontro.

Ocorreu-lhe então que o velho podia reconhecer o rosto que escolhera. Alguns dos Fremen mais velhos de Duna tinham conhecido Duncan Idaho.

A escolha de feições, que julgou ser divertida, podia ter sido um erro, decidiu Scytale. Mas não se atrevia a mudar de rosto ali. Olhou com nervosismo para cima e para baixo da rua. O velho não ia convidá-lo a entrar em casa?

— Conheceu o meu filho? — Perguntou o homem.

Pelo menos aquela pergunta era uma das contrassenhas. Scytale deu a resposta correta, mantendo-se sempre muito atento a alguma circunstância suspeita em seu redor. Não gostava da sua posição naquele lugar. A rua era um beco que acabava naquela casa. As casas em redor tinham sido construídas por veteranos da Jihad. Formaram um subúrbio de Arrakeen que se estendia até à Bacia Imperial, para lá de Tiemag. As paredes que rodeavam a rua pareciam rostos vazios de argamassa castanha entrecortados por sombras negras das portas fechadas e, aqui e acolá, obscenidades rabiscadas. Ao lado daquela mesma porta, alguém tinha escrito a giz a acusação de que um dos Beris regressara a Arrakis trazendo uma odiosa doença que o privava da sua masculinidade.

— Traz alguém consigo? — Perguntou o velho.

— Venho sozinho — respondeu Scytale.

O velho pigarreou, ainda irritantemente hesitante.

Scytale forçou-se a ser paciente. Os contactos feitos por aquela via tinham os seus perigos. Talvez o velho tivesse algum motivo para agir daquela maneira. No entanto, a hora era a combinada. O sol pálido estava praticamente por cima das suas cabeças. As pessoas daquele bairro ficavam fechadas em casa para dormirem durante a parte mais quente do dia.

Seria o novo vizinho que incomodava o velho homem, questionou-se Scytale? Sabia que a casa ao lado fora atribuída a Otheym, um antigo membro dos temidos e letais comandos de Muad'dib, os Fedaykin. E Bijaz, o anão agente catalítico, servia Otheym.

Scytale voltou a olhar para o velho homem, reparando na manga vazia a pender do ombro esquerdo e a falta do fato destilatório. Aquele homem tinha um ar de autoridade. O seu papel na Jihad não fora certamente o de um mero trabalhador.

— Posso saber o nome do visitante? — Perguntou o velho.

Scytale reprimiu um suspiro de alívio. Afinal ia ser aceite.

— Chamo-me Zaal — respondeu, dizendo o nome que lhe fora atribuído para aquela missão.

— Eu sou Farok — apresentou-se o velho, — outrora Bashar da Nona Legião da Jihad. Isto significa alguma coisa para si?

Scytale reconheceu um tom de ameaça na voz dele e disse:

— O senhor nasceu em Sietch Tabr, com alianças a Stilgar.

Farok ficou mais tranquilo, dando um passo ao lado.

— É bem-vindo à minha casa.

Scytale passou por ele e entrou num átrio sombrio; o chão era de tijoleira azul e nas paredes brilhavam desenhos feitos com cristais. Para lá do átrio havia um pátio coberto. A luz que entrava pelos filtros translúcidos espalhava-se como prata, naquela noite branca da Primeira Lua. A porta da rua rangeu ao fechar-se nos seus selos húmidos, por detrás de Scytale.

— Nós éramos um povo nobre — disse Farok, indicando o caminho em direção ao pátio. — Não pertencíamos aos proscritos. Não vivíamos numa aldeia *graben*... como esta! Tínhamos um sietch apropriado para nós na Muralha Escudo, por cima do Desfiladeiro Habbanya. Um verme podia levar-nos até Kedem, no deserto interior.

— Então não era como isto — concordou Scytale, percebendo então o que levava Farok a tomar parte na conspiração. Os Fremen ansiavam pelos velhos tempos e velhos modos de viver.

Entraram no pátio.

Scytale percebeu que Farok se debatia com a antipatia intensa que sentia pelo seu visitante. Os Fremen desconfiavam de olhos que não eram totalmente azuis dos Ibad. Os estrangeiros, diziam os Fremen, tinham olhos pouco concentrados que viam coisas que não deviam ver.

A música semuta parara quando os homens entraram. Foi substituída pelo dedilhar de um baliset; inicialmente com uma escala de

nove notas, depois pelas notas cristalinas de uma canção que era popular nos mundos Naraj.

À medida que os seus olhos se habituavam à luz, Scytale viu um jovem sentado de pernas cruzadas numa cama baixa colocada sob arcos de luz. Os olhos do rapaz tinham as órbitas vazias. Com a perturbante facilidade dos cegos, começou a cantar no preciso instante em que Scytale fixou os olhos nele. A voz era aguda e doce:

“Um vento soprou a terra  
Soprou o céu  
E todos os homens!  
Quem é este vento?  
As árvores continuam de pé,  
A beber onde beberam os homens.  
Já conheci demasiados mundos,  
Demasiados homens,  
Demasiadas árvores,  
Demasiados ventos.”

Scytale reparou que aquelas não eram as palavras originais da canção. Farok levou-o para lá do rapaz, por baixo dos arcos e até ao outro lado do pátio, indicando-lhe umas almofadas espalhadas pelo chão de tijoleira. A tijoleira estava trabalhada para formar os desenhos de criaturas marinhas.

— Há uma almofada que foi outrora ocupada no sietch por Muad'dib — disse Farok, apontando para um vulto redondo e negro. — Agora é sua.

— Fico em eterna dívida para consigo — disse Scytale, deixando-se cair em cima do vulto negro.

Sorriu. Farok demonstrava sabedoria. Um sábio falava de lealdade mesmo enquanto ouvia canções com significados ocultos e palavras que transportavam mensagens secretas. Quem podia negar os aterrorizadores poderes do Imperador tirano?

Inserindo as suas palavras por entre a canção, sem alterar a métrica, Farok disse:

— A canção do meu filho perturba-o?

Scytale gesticulou na direção de uma almofada que estava à sua frente e encostou-se a um pilar fresco.

— Eu gosto de música.

— O meu filho perdeu os olhos na conquista de Naraj — disse Farok. — Ele foi tratado lá e devia ter lá ficado. Não há mulher do Povo que queira ficar com ele assim. Mas acho curioso, no entanto, saber que tenho netos em Naraj que poderei nunca conhecer. Conhece os mundos de Naraj, Zaal?

— Na minha juventude, viajei por lá com um grupo de companheiros Polimorfos — disse Scytale.

— Então o senhor é um Polimorfo — disse Farok. — Já me tinha questionado sobre as suas feições. Recordam-me um homem que conheci em tempos.

— Duncan Idaho?

— Sim, esse mesmo. Era um mestre espadachim ao serviço do Imperador.

— Ele foi morto, é o que se diz.

— É o que se diz — concordou Farok. — O senhor é verdadeiramente um homem? Ouvi histórias sobre os Polimorfos que diziam que... — Encolheu os ombros.

— Nós somos hermafroditas Jadacha — disse Scytale, — podemos assumir o sexo que quisermos. Neste momento, sou um homem.

Farok comprimiu os lábios, mergulhados em pensamentos, depois disse:

— Posso mandar vir refrescos? Deseja beber água? Sumo gelado de frutas?

— Uma boa conversa bastará — respondeu Scytale.

— Os desejos do meu visitante são uma ordem — disse Farok, instalando-se na almofada em frente a Scytale.

— Abençoado seja Abu d’Dhur, Pai das Infinitas Estradas do Tempo — disse Scytale, enquanto pensava: *Pronto! Disse-lhe sem rodeios que venho em nome de um Navegador da Guilda e que uso o disfarce do Navegador.*

— Seja três vezes abençoado — disse Farok, dobrando as mãos no colo, no gesto ritual. Eram mãos velhas e cheias de veias salientes.

— Um objeto visto ao longe trai apenas o seu princípio — disse

Scytale, revelando que queria discutir a Torre de Menagem da Fortaleza do Imperador.

— O que é sombrio e malévolo pode ser visto como é a qualquer distância — disse Farok, denunciando alguma relutância.

*Porquê?* Questionou-se Scytale. Mas respondeu:

— Como foi que o seu filho perdeu os olhos?

— Os defensores Naraj usaram um queimador de pedra — respondeu Farok. — O meu filho estava demasiado próximo. Malditas armas atômicas! Até o queimador de pedra devia ser proibido.

— Ele desvia-se da intenção da lei — concordou Scytale.

Mas pensou: *um queimador de pedra em Naraj! Ninguém nos falou disso. Por que motivo fala este velho de queimadores de pedra aqui?*

— Eu ofereci-me para comprar aos seus mestres uns olhos Tleilaxu para o meu filho — disse Farok. — Mas entre as legiões há uma lenda que diz que os olhos Tleilaxu escravizam aqueles que os usam. O meu filho disse-me que esses olhos são de metal e ele é de carne, que uma união dessas deve certamente ser pecaminosa.

— O princípio de um objeto é que cumpra a sua intenção original — disse Scytale, tentando levar novamente a conversa para a informação que procurava.

Os lábios de Farok comprimiram-se numa linha fina, mas acenou com a cabeça.

— Fale abertamente sobre o que deseja saber — disse. — Devemos colocar a nossa confiança nas mãos do seu Navegador.

— Alguma vez entrou na Torre de Menagem Imperial? — Perguntou Scytale.

— Estive lá no banquete que celebrou a vitória em Molitor. Apesar de ter os melhores aquecedores de espaço Ixian, era um lugar frio, todo feito de pedra. Na noite anterior, dormimos no terraço do Templo de Alia. Ele tem árvores lá dentro, sabe... árvores vindas de muitos mundos. Nós, Bashars, estávamos vestidos com as nossas melhores vestes verdes e sentámo-nos em mesas isoladas. Comemos e bebemos demasiado. Fiquei repugnado com algumas das coisas que vi. Os feridos que conseguiam caminhar apareceram também, a arrastar-se com as suas muletas. Julgo que o nosso Muad'dib não tem noção da quantidade de homens que estropiou.

— O senhor era contra o banquete? — Perguntou Scytale, sabendo



do que existiam verdadeiras orgias Fremen alimentadas por cerveja temperada com especiaria.

— Não era propriamente como se estivéssemos a unir as nossas almas no sietch — respondeu Farok. — Não havia simbologia. Para se entreterem, as tropas tinham raparigas escravas e os homens partilhavam as suas histórias de batalhas e comparavam ferimentos.

— Então estive no interior da grande montanha de pedra — disse Scytale.

— Muad'dib veio falar-nos no terraço. Desejava boa sorte a todos, disse. Dar-nos o cumprimento do deserto num lugar daqueles!

— Sabe onde se localizam os aposentos privados do Imperador? — Perguntou Scytale.

— São no interior — respondeu Farok. — Algures no coração do forte. Disseram-me que ele e Chani têm uma vida nómada, mas dentro das muralhas da Torre. Ele só sai da Grande Muralha para as audiências públicas. Tem salões de receções e salas formais para reuniões, uma ala inteira para alojar a sua guarda pessoal, locais para conduzir cerimónias e uma secção interior para comunicações. Disseram-me que há uma sala bem por baixo da fortaleza, onde ele mantém um verme preso, rodeado por um fosso cheio de água, para o poder envenenar. É naquela sala que lê o futuro.

*Os mitos estão todos misturados com os factos*, pensou Scytale.

— O aparato do governo acompanha-o para todo o lado — resmungou Farok. — Criados, assistentes e assistentes dos assistentes. Ele confia apenas em pessoas como Stilgar, que esteve muito próximo dele nos velhos tempos.

— Mas não confia em si — disse Scytale.

— Acho que ele já se esqueceu de mim — respondeu Farok.

— Como entra e sai ele quando pretende deixar o edifício? — Perguntou Scytale.

— Tem uma plataforma minúscula saliente no interior da muralha — disse Farok. — Disseram-me que Muad'dib não permite que mais ninguém manipule os controlos para aterrar ali. É necessária uma aproximação, segundo se diz, que em caso do mais ligeiro erro de cálculo, pode fazer com que se despenhe e precipite as pedras da muralha para cima dos seus malditos jardins.

Scytale acenou com a cabeça. Era provável que aquilo fosse ver-

dade. Uma entrada aérea daquele tipo junto aos aposentos do Imperador devia exigir de facto uma certa medida de segurança. Todos os Atreides eram soberbos pilotos.

— Ele usa homens para levar as suas mensagens *distrans* — disse Farok. — É uma humilhação para os homens implantarem-lhes os tradutores de ondas. A voz de um homem devia ser comandada por si mesmo. Não devia carregar a mensagem de outro homem, escondida dentro dos seus sons.

Scytale encolheu os ombros. Naquela era, todos os grandes poderes usavam *distrans*. Uma pessoa nunca podia prever que obstáculos seriam colocados entre o emissor e o recetor de uma mensagem. As *distrans* desafiavam a criptografia política porque se baseavam em subtis distorções dos padrões naturais dos sons, que podiam ser baralhados de modo bastante intrincado.

— Até os cobradores de impostos dele usam este método — queixou-se Farok. — No meu tempo, as *distrans* só eram implementadas nos animais mais baixos da sociedade.

*Mas as informações sobre os rendimentos públicos devem ser mantidas em segredo, pensou Scytale. Mais de um governo foi já deposto porque o povo descobriu a verdadeira dimensão da riqueza oficial.*

— O que pensam atualmente os companheiros Fremem acerca da Jihad de Muad'dib? — Perguntou Scytale. — Recusarão eles a transformação do seu Imperador num deus?

— A maior parte deles nem sequer pensa nesses termos — disse Farok. — Pensam na Jihad da mesma forma que eu penso nela, pelo menos a maior parte deles. É uma fonte de experiências estranhas, de aventura e riqueza. Esta fenda rochosa em que vivo — Farok gesticulou em direção ao pátio — custou sessenta lidas de especiaria. Noventa kontars! Tempos houve em que eu nem podia imaginar tantas riquezas. — Abanou a cabeça.

Do outro lado do pátio, o jovem cego começou a tocar os acordes de uma canção de amor.

*Noventa kontars, pensou Scytale. Que estranho. É realmente uma grande riqueza. Em muitos outros mundos, a alcova de Farok seria um palácio, mas todas as coisas eram relativas — até mesmo os kontars. Por exemplo, saberia Farok de onde vinha aquela medida de peso para a especiaria? Alguma vez teria pensado que outrora um kontar e meio*

*limitavam a carga de um camelo? Era pouco provável que soubesse. Talvez ele nem nunca tivesse ouvido falar de camelos ou da Era Dourada da Terra.*

Com as palavras a acompanhar estranhamente o ritmo da melodia do baliset do filho, Farok disse:

— Eu tinha uma crisfaca, anéis de água de dez litros, a minha própria lança pertencera ao meu pai; tinha um serviço de café e uma garrafa feita de vidro vermelho que era mais velha do que qualquer memória do meu sietch. Tinha a minha própria quantidade de especiaria, mas não tinha dinheiro. Era rico e não sabia. Tive duas mulheres: uma simples a quem queria muito, a outra estúpida e obstinada, mas com o corpo e o rosto de um anjo. Eu era um Naib Fremen, cavaleiro de vermes, mestre do leviatão e da areia.

O jovem do outro lado do pátio recomeçou com a sua melodia.

— Sabia muitas coisas sem sequer ter de pensar nelas — continuou Farok. — Sabia que havia água nas profundezas da nossa areia e que estava lá presa por ação dos Pequenos Criadores. Sabia que os meus antepassados haviam sacrificado virgens a Shai-hulud... antes de Liet-Kynes nos ter obrigado a acabar com o costume. Foi errado da nossa parte acatar a sua ordem. Eu já tinha visto as joias na boca de um verme. A minha alma tinha quatro portais e eu conhecia-os a todos.

Ficou em silêncio, a maturar.

— Foi então que surgiu Atreides com a sua mãe bruxa — disse Scytale.

— Foi então que surgiu o Atreides — concordou Farok. — Aquele a que chamámos de *Usul*, no nosso próprio sietch, demos-lhe um nome privado para usar entre nós. O nosso Muad'dib, o nosso Mahdi! E quando ele nos chamou para a Jihad, eu fui um dos que perguntaram: “Mas por que motivo devo lutar ali? Não tenho parentes nesses locais.” Mas outros homens foram — jovens, amigos, meus companheiros de infância. Quando regressaram, falavam de feitiçaria, do poder daquele Atreides *salvador*. Ele lutou contra os nossos inimigos, os Harkonnen. Liet-Kynes, que nos tinha prometido um paraíso no nosso planeta, deu-lhe a sua bênção. Dizia-se que este Atreides vinha mudar o nosso mundo e o nosso universo, que era o homem que faria a flor dourada florir durante a noite.

Farok levantou as mãos e observou as palmas.

— Os homens apontavam para a Primeira Lua e diziam: “A alma dele está ali”. Foi assim que começou a ser chamado de Muad’dib. Não entendi nada do que estava a acontecer.

Baixou as mãos e olhou fixamente para o outro lado do pátio, para o filho.

— Não tinha qualquer pensamento na minha cabeça. Os pensamentos estavam apenas no coração, na barriga e nas entranhas.

Mais uma vez, o ritmo da música de fundo aumentou.

— Sabe por que motivo me alistei na Jihad? — Os olhos velhos fitaram Scytale. — Ouvi dizer que havia uma coisa que se chamava mar. É muito difícil acreditar que existe um mar quando se viveu a vida inteira aqui, no meio das dunas. Nós não temos mares. Os homens de Duna nunca conheceram o mar. Temos os nossos passos de vento. Recolhemos água para a grande mudança que Liet-Kynes nos prometeu... esta grande mudança que Muad’dib traz com um aceno de mão. Eu podia imaginar um *qanat*, a água a correr pela terra fora dentro de um grande canal. A partir disto, a minha mente podia idealizar um rio. Mas um mar?

Farok olhou fixamente para a cobertura translúcida do pátio, como se estivesse a tentar ver mais além no universo.

— Um mar — disse num murmúrio. — É demasiado para a minha mente conseguir imaginar. Porém, conhecia homens que diziam ter visto esta maravilha. Pensei que estavam a mentir, mas tinha de ver por mim próprio. Foi por esse motivo que me alistei.

O jovem tocou uma nota final aguda no baliset; depois começou outra canção, com um ritmo estranhamente sinuoso.

— E encontrou o seu mar? — Perguntou Scytale.

Farok ficou em silêncio e Scytale pensou que não tinha ouvido a sua pergunta. A música do baliset elevou-se à volta deles, parecendo assumir um movimento ondulante. Farok respirava ao ritmo da música.

— Havia um pôr-do-sol — disse Farok. — Um dos artistas da antiguidade podia ter pintado um pôr-do-sol daqueles. Tinha tons de vermelho, a cor da minha garrafa de vidro. Tinha dourado... azul. Localizava-se no mundo a que chamam Enfeil, aquele onde liderei a minha legião até à vitória. Saímos de uma passagem da montanha

onde o ar era pesado de tanta água. Mal podia respirá-lo. E ali, por baixo de mim, estava aquilo de que os meus amigos tanto me falaram: água que se estendia até onde a minha vista alcançava e mais além. Marchámos em direção a ela. Caminhei desastrosamente nela e comecei a beber. Era amarga e deixou-me doente. Mas a admiração que a sua visão provocou em mim jamais me abandonou.

Scytale deu por si a partilhar o deslumbramento do velho Fremen.

— Mergulhei todo o meu corpo no mar — disse Farok, olhando para as criaturas marinhas que povoavam o chão de tijoleira. — Um dos homens deixou-se cair para baixo daquela água... outro ressurgiu de dentro dela. Senti que era capaz de me recordar de um passado que nunca fora. Olhei em redor de mim com olhos que seriam capazes de aceitar qualquer coisa... qualquer coisa mesmo. Vi um corpo na água — um dos inimigos que havíamos chacinado. Ali perto estava um tronco que a água segurava, era um pedaço de uma grande árvore. Se fechar agora os olhos, ainda consigo ver aquele tronco. Uma das extremidades estava negra do fogo. E havia um pedaço de tecido na água, não era mais do que um trapo amarelo... rasgado, sujo. Olhei para todas estas coisas e percebi por que motivo tinham ido até àquele local. Era para que eu as pudesse ver.

Farok virou-se lentamente e fitou os olhos de Scytale.

— O universo está inacabado, sabia? — Disse.

*Este homem é palrador, mas profundo*, pensou Scytale. E disse:

— Vejo que causou em si uma profunda impressão.

— O senhor é um Tleilaxu — disse Farok. — Já viu muitos mares. Eu só vi este, no entanto sei uma coisa acerca dos mares que o senhor desconhece.

Scytale sentiu-se tomado por uma estranha sensação de inquietação.

— A Mãe do Caos nasceu no mar — disse Farok. — Um Qizara Tafwid estava ali por perto quando saí da água a pingar. Ele não tinha entrado no mar. Ficou parado na areia... a areia estava molhada... e alguns dos meus homens ficaram com ele por partilharem dos seus medos. Ele observou-me com uma expressão nos olhos que me disse que sabia que eu acabara de aprender qualquer coisa que lhe fora negada. Tornara-me numa criatura marinha e isso assustava-o. O mar curou-me da Jihad e julgo que ele entendeu isto.

Scytale apercebeu-se que, algures durante aquele recital, a música havia parado. Achou perturbador não ser capaz de determinar em que instante preciso o baliset ficara em silêncio.

Como se fosse relevante para o que acabara de contar, Farok disse:

— Cada portão está guardado. Não há maneira de entrar na fortaleza do Imperador.

— É essa mesma a sua fraqueza — respondeu Scytale.

Farok esticou o pescoço, espreitando.

— Há uma maneira de entrar — explicou Scytale. — O facto de a maior parte dos homens, incluindo, assim esperamos, o próprio Imperador, acreditarem que não é possível entrar, pode funcionar a nosso favor.

Esfregou os lábios, estranhando a fisionomia do rosto que escolhera. O silêncio do músico incomodava-o. Significaria que o filho de Farok já não transmitia mais? Fora isso que acontecera até então, naturalmente: a mensagem estava condensada e era transmitida pela música. Tinha sido gravada no próprio sistema neural de Scytale, ali colocada para ser desencadeada no momento exato pelas distrans cravadas no seu córtex adrenal. Se já chegara ao fim, ele tinha-se transformado no recipiente de muitas palavras desconhecidas. Era um cargueiro a transbordar de informações: todas as células da conspiração ali em Arrakis, todos os nomes, todas as frases de contacto — toda a informação vital.

Com aquelas informações, podiam desafiar Arrakis, capturar um verme de areia, começar a cultura de melange num lugar para lá do alcance de Muad'dib. Com aquelas informações podiam fazer muitas coisas.

— Temos a mulher aqui — disse Farok. — Quer vê-la agora?

— Já a vi — respondeu Scytale. — Já a observei com afinco. Onde está ela?

Farok estalou os dedos.

O jovem pegou na rabeça e arrastou o arco por cima das cordas. Delas surgiu a música semuta. Como se fosse atraída pelo som, uma jovem mulher de manto azul apareceu vinda de uma ombreira de uma porta, por detrás do músico. Uma lentidão narcótica enchia os seus olhos, que eram totalmente azuis dos Ibad. Ela era Fremen, viciada na especiaria, e agora enredada num vício estranho àquele

mundo. A sua consciência estava profundamente mergulhada na música semuta, perdida algures enquanto cavalgava no êxtase que os acordes transmitiam.

— É a filha de Otheym — disse Farok. — O meu filho deu-lhe o narcótico na esperança de conquistar uma mulher do Povo para si, apesar da cegueira. Como pode ver, a sua vitória é vazia. A semuta tomou o que ele esperava ganhar.

— O pai dela não sabe? — Perguntou Scytale.

— Nem ela mesma sabe — respondeu Farok. — O meu filho forneceu-lhe falsas memórias que ela invoca para ilustrar as suas visitas. Ela acha que está apaixonada por ele. É nisso também que a sua família acredita. Estão indignados porque ele não é um homem completo, mas, como é natural, não interferem.

A música foi enfraquecendo até nada restar além do silêncio.

A um gesto do músico, a jovem mulher sentou-se ao lado dele, curvando-se na sua direção para ouvir o que ele lhe murmurava.

— O que vai fazer com ela? — Perguntou Farok.

Scytale observou o pátio mais uma vez.

— Quem mais está nesta casa?

— Estamos todos aqui reunidos — respondeu Farok. — Ainda não me disse o que quer fazer com esta mulher. É o meu filho quem deseja saber.

Como se estivesse prestes a responder, Scytale estendeu o braço direito. Uma agulha brilhante saiu da manga do seu manto e enterrou-se no pescoço de Farok. Não se ouviu qualquer grito, nem se viu qualquer mudança de postura. Farok estaria morto dentro de um minuto, mas continuava sentado, quieto, imobilizado pelo veneno do dardo.

Lentamente, Scytale levantou-se e atravessou o pátio em direção ao músico cego. O jovem continuava a murmurar ao ouvido da mulher quando o dardo o atingiu.

Scytale pegou na jovem mulher pelo braço, incitou-a gentilmente a levantar-se e mudou o seu aspeto antes que ela olhasse para ele. Ela levantou-se e concentrou-se nele.

— O que foi, Farok? — Perguntou ela.

— O meu filho está cansado e precisa de descansar — disse Scytale. — Vamos. Vamos sair pela porta dos fundos.

— Tivemos uma conversa tão boa — disse ela. — Acho que o consegui convencer a aceitar uns olhos Tleilaxu. Iria torná-lo novamente num homem completo.

— Não foi o que disse já tantas vezes? — Perguntou Scytale, conduzindo-a a uma sala recuada.

Reparou com orgulho que a sua voz condizia perfeitamente com as feições que assumira. Era inquestionavelmente a voz do velho Fremmen, que naquela altura já estava certamente morto.

Scytale suspirou. Disse para si próprio que tudo tinha sido feito com compaixão e que as vítimas conheciam com toda a certeza o perigo que corriam. Agora, aquela jovem mulher também teria de receber a sua oportunidade de escapar.



*Os Impérios não sofrem de falta de propósito na altura da sua criação.  
É quando já estão instituídos que os objetivos se perdem e são substituídos por rituais vagos.*

— **Palavras de Muad'dib pela Princesa Irulan**

Alia percebeu que aquela reunião da Corte Imperial ia ser uma má reunião. Pressentia a discussão a ganhar forças, a reunir energias — o modo como Irulan se recusava a olhar para Chani, o manuseamento nervoso dos papéis de Stilgar, os olhares carrancudos que Paul dirigia a Korba, o Qizara.

Sentou-se na extremidade da mesa dourada do Conselho, para que pudesse olhar pelas janelas da varanda e observar a luz difusa da tarde.

Korba, interrompido pela sua entrada, continuou com o que estava a dizer a Paul.

— O que quero dizer, meu Senhor, é que já não há tantos deuses como havia antigamente.

Alia deu uma gargalhada e atirou a cabeça para trás. O movimento fez cair o capuz negro do seu manto. As suas feições ficaram expostas — olhos inteiramente azuis, da especiaria, o rosto oval da mãe, emoldurado por uma melena de cabelos cor de bronze, um nariz pequeno e a boca grande e generosa.

O rosto de Korba ficou quase da cor do seu manto cor de laranja. Olhou furiosamente para Alia; era um gnomo zangado, calvo e encolerizado.

— Sabe o que se diz por aí sobre o seu irmão? — Perguntou.

— Sei o que se diz sobre os Qizarate — contrariou Alia. — Diz-se que não são divinos, que são meros espiões dos deuses.

Korba olhou de relance para Paul, em busca de apoio, e disse:

— Nós somos enviados pelos decretos de Muad'dib, para que Ele saiba a verdade sobre o Seu povo e para que eles saibam a verdade sobre Ele.

— Espiões — disse Alia.

Korba comprimiu os lábios num silêncio magoado.

Paul olhou para a irmã, questionando-se por que motivo provocava Korba. De súbito, apercebeu-se que Alia entrara já na idade adulta, era linda com os primeiros brilhos da inocente juventude. Ficou surpreendido por não ter reparado nisto até àquele momento. Ela tinha quinze anos, quase dezasseis; era uma Reverenda Madre sem a maternidade, uma sacerdotisa virgem, objeto de temente veneração por parte das massas supersticiosas — Alia da Faca.

— Este não é o lugar nem a altura para a leveza da tua irmã — disse Irulan.

Paul ignorou-a e virou-se para Korba.

— A praça está cheia de peregrinos. Vá lá para fora e conduza as suas orações.

— Mas eles estão à *sua* espera, meu Senhor — disse Korba.

— Coloque o turbante na cabeça — disse Paul. — A esta distância nem se vão aperceber da diferença.

Irulan suprimiu a irritação por se ver ignorada e olhou para Korba, que se levantava para obedecer. Ocorreu-lhe então de forma súbita e inquietante que talvez Edric não conseguisse ocultar as suas ações de Alia. *O que sabemos realmente sobre a irmã?*, questionou-se Irulan.

Chani, com as mãos firmemente apertadas e pousadas no colo, olhou de relance para o outro lado da mesa, para Stilgar, seu tio, o Ministro de Estado de Paul. Desejaria alguma vez o velho Fremen Naib regressar à vida simples do sietch do deserto? Reparou que o cabelo negro de Stilgar estava a começar a ficar grisalho nas extremidades, mas os seus olhos, por baixo de pesadas sobranceiras, continuavam a ver longe. Era o olhar de águia dos selvagens e a sua barba ainda tinha o entalhe do tubo de recolha de uma vida inteira passada num fato destilatório.

Sentindo o nervosismo provocado pela atenção de Chani, Stilgar olhou em redor da Sala de Conselho. O seu olhar recaiu sobre a janela da varanda e sobre Korba, que estava no exterior. Korba ergueu

os braços estendidos para dar a bênção da tarde e um truque do sol vespertino fez com que um halo avermelhado aparecesse na janela por trás dele. Por instantes, Stilgar viu o Qizara da Corte como uma figura crucificada numa roda de fogo. Korba baixou os braços, destruindo a ilusão, mas Stilgar continuou a sentir-se perturbado por ela. Os seus pensamentos dirigiram-se com uma frustração furiosa para os suplicantes adutores que esperavam na Sala de Audiências e para a pompa odiosa que rodeava o trono de Muad'dib.

Ao reunir-se com o Imperador, as pessoas esperavam encontrar-lhe falhas, detetar erros, pensou Stilgar. Apesar de achar que podia ser um comportamento sacrílego, Stilgar continuava a desejá-lo.

Quando Korba regressou, o murmurar da multidão entrou na sala. As portas da varanda fecharam-se hermeticamente atrás de si, isolando o som.

O olhar de Paul seguiu o Qizara. Korba sentou-se do lado esquerdo de Paul, com as feições sombrias compostas, os olhos vidrados pelo fanatismo. Tinha apreciado aquele momento de poder religioso.

— A presença espiritual foi invocada — disse.

— Dêmos graças ao senhor por isso — respondeu Alia.

Os lábios de Korba empalideceram.

Paul observou a irmã mais uma vez, questionando os seus motivos. A sua inocência dissimulava engano, disse para si próprio. Ela era o produto do mesmo programa de reprodução Bene Gesserit que o gerara a ele. O que teriam os genes kwisatz haderach produzido nela? Aquela diferença misteriosa sempre existira: ela estava ainda em fase embrionária quando a mãe de ambos sobrevivera ao envenenamento por essência de melange. Tanto mãe como filha ainda por nascer se tornaram Reverendas Madres em simultâneo. Mas a simultaneidade não se estendera à identidade.

Sobre essa experiência, Alia dissera que num aterrorizante instante acordara para a consciência, a sua memória absorvera as incontáveis vidas que a sua mãe estava a assimilar.

— Tornei-me na minha mãe e em todas as outras — disse. — Ainda não estava completamente formada, ainda não tinha nascido, mas tornei-me numa mulher velha naquele preciso instante.

Pressentindo os seus pensamentos concentrados nela, Alia sorriu para Paul. A expressão dele suavizou-se. *Como poderia alguém reagir*

*perante Korba com outra emoção que não fosse um humor cínico?*, perguntou a si próprio. *O que é mais ridículo que um Comando de Morte transformado num sacerdote?*

Stilgar deu uma pancadinha nos seus papéis.

— Se o meu senhor permite — disse. — Estes assuntos são urgentes e difíceis.

— O Tratado Tupile? — Perguntou Paul.

— A Guilda insiste que assinemos este Tratado sem que saibamos a localização exata do Entendimento Tupile — disse Stilgar. — Eles têm algum apoio dos delegados do Landsraad.

— Que pressões lhes apresentou? — Perguntou Irulan.

— As pressões que o meu Imperador designou serem apropriadas para esta empresa — respondeu Stilgar.

O formalismo rígido da resposta continha toda a desaprovação que Stilgar sentia em relação à Princesa Consorte.

— Meu Senhor e marido — disse Irulan, virando-se para Paul, forçando-o a reconhecer a sua presença.

*Enfatizar a sua diferença de estatuto em frente a Chani é uma fraqueza*, pensou Paul. Em momentos como aquele, partilhava a antipatia de Stilgar para com Irulan, mas a compaixão equilibrava as suas emoções. Afinal, o que era Irulan senão um peão nas mãos das Bene Gesserit?

— Sim? — Respondeu Paul.

Irulan olhou fixamente para ele.

— Se lhes negares a melange...

Chani abanou a cabeça em sinal de desacordo.

— Nós negociamos com cuidado — disse Paul. — Tupile permanecerá como um lugar de santuário para as Casas Principais derrotadas. Simboliza um último recurso, o derradeiro lugar de segurança para todos os nossos súbditos. Expor o santuário é torná-lo vulnerável.

— Se conseguem esconder pessoas, também conseguem esconder outras coisas — resmungou Stilgar. — Um exército, talvez, ou o início de uma cultura de melange que...

— Não se encurralam as pessoas num canto — disse Alia. — Não se queremos que continuem a ser pacíficas.

Contrariada, Alia percebeu que acabara de ser arrastada para a discussão que previra.

— Então passámos dez anos a negociar para nada — disse Irulan.

— Nenhuma das ações do meu irmão é para nada — disse Alia.

Irulan pegou num riscador e segurou-o com força, até os nós dos dedos ficarem brancos. Paul viu o seu controlo emocional imposto pelos modos Bene Gesserit: o olhar interior penetrante, a respiração profunda. Quase a conseguia ouvir a repetir a litania. Depois disse:

— O que ganhámos?

— Mantivemos a Guilda em desequilíbrio — respondeu Chani.

— Queremos evitar um confronto evidente com os nossos inimigos — disse Alia. — Não temos nenhum desejo especial em matá-los. Já há carnificina suficiente a ser perpetrada sob a bandeira dos Atréides.

*Ela também o sente*, pensou Paul. Era estranha a sensação de responsabilidade obrigatória que ambos sentiam para com aquele universo belicoso e idólatra com os seus êxtases de tranquilidade e movimento descontrolado. *Teremos de os proteger de si mesmos? Neste momento não têm argumentos para jogar — as suas vidas são vazias, as palavras também. Eles exigem demasiado de mim.* Sentiu a garganta comprimida e tapada. Quantos momentos iria perder? Quantos filhos? Que sonhos? Valeria o preço do que a sua visão revelara? Quem falaria com os vivos de um futuro distante, quem lhes diria: “Se não fosse por Muad’dib, vocês não estariam aqui.”

— Negar-lhes a sua melange não resolveria nada — disse Chani. — Os Navegadores da Guilda perderiam a capacidade de ver dentro do espaço temporal. As tuas Irmãs de Bene Gesserit perderiam a capacidade de ver a verdade. Algumas pessoas podiam morrer antes do seu tempo. A comunicação desabaria. Quem poderia ser responsabilizado por isso?

— Eles não iam deixar que as coisas chegassem a esse ponto — disse Irulan.

— Não? — Perguntou Chani. — Porque não? Quem poderia culpar a Guilda? Eles ficariam impotentes, notoriamente impotentes para agir.

— Assinamos o Tratado nos termos em que está redigido — disse Paul.

— Meu Senhor — disse Stilgar, concentrando-se nas suas mãos. — Há uma questão nas nossas mentes.

— Sim? — Paul concentrou toda a sua atenção no velho Fremen.

— O senhor tem alguns... poderes. Não consegue localizar o Entendimento apesar dos esforços da Guilda em escondê-lo?

*Poderes!*, pensou Paul. Não poderia Stilgar dizer apenas: *Tu és presciente. Não consegues traçar um caminho no futuro que nos leve até Tupile?*

Paul olhou para a superfície dourada da mesa. Era sempre o mesmo problema: como podia ele exprimir os limites do inexplicável? Deveria falar de fragmentação, do destino natural de todos os poderes? Como podia alguém que nunca tinha experienciado a mudança de presciência causada pela especiaria conceber uma consciência que não continha localização no espaço temporal, vetor de imagem personalizado nem cativos sensitivos associados?

Olhou para Alia e percebeu que a sua atenção estava focada em Irulan. Alia pressentiu o movimento de Paul, olhou de relance para ele e acenou com a cabeça em direção a Irulan. Ahhh, sim: qualquer resposta que dessem encontraria o caminho através de um dos relatórios que Irulan apresentava às Bene Gesserit. Elas nunca tinham desistido de encontrar uma resposta para o mistério do kwisatz haderach.

Porém, Stilgar merecia uma resposta de alguma espécie. E já agora, Irulan também.

— Os iniciados tentam conceber a presciência como se estivessem a obedecer a uma Lei Natural — disse Paul. Colocou as mãos em forma de campanário à sua frente. — Mas seria igualmente correto dizer que é o céu que está a falar para nós, que ter a capacidade para ler o futuro é um ato harmonioso da natureza humana. Por outras palavras, a presciência é uma consequência natural da onda do presente. Usa o disfarce da natureza, entendem? Mas tais poderes não podem ser usados numa atitude que contém objetivos e propósitos. Um barco apanhado pelas ondas diz qual é o seu destino? No oráculo não há causa e efeito. As causas transformam-se em ocasiões de convecção e confluência, em lugares onde as correntes se encontram. Ao aceitar a presciência, inundamos o nosso ser com conceitos repugnantes para o intelecto. Por isso, a nossa consciência intelectual rejeita-os. Ao rejeitá-los, o intelecto torna-se numa parte do processo e é subjugado.

— Então não pode fazê-lo? — Perguntou Stilgar.

— Se eu procurasse Tupile através da presciência — disse Paul, falando diretamente para Irulan, — podia estar a esconder Tupile.

— Isso é o caos! — Protestou Irulan. — Não tem... consistência.

— Eu disse que não obedece propriamente a Leis Naturais — disse Paul.

— Há limites quanto ao que podes ver ou fazer com os teus poderes? — Perguntou Irulan.

Antes que Paul tivesse oportunidade para responder, Alia disse:

— Querida Irulan, a presciência não tem limites. Não tem consistência? A consistência não é um aspeto necessário do universo.

— Mas ele disse...

— Como pode o meu irmão dar-te informações explícitas sobre a finitude de uma coisa que não tem limites? As suas fronteiras escapam ao intelecto.

*Foi uma coisa deselegante da parte de Alia*, pensou Paul. Iria alarmar Irulan, que tinha uma consciência tão cuidadosa, tão dependente dos valores que derivavam de limites precisos. O olhar de Paul concentrou-se em Korba, que estava sentado numa pose de devaneio religioso — *estava a ouvir com a alma*. Como podia o Qizarate usar aquela conversa? Em mais mistérios religiosos? Alguma coisa que evocasse admiração? Sem dúvida.

— Então vai assinar o Tratado na forma que tem agora? — Perguntou Stilgar.

Paul sorriu. No que dizia respeito a Stilgar, a questão do oráculo estava encerrada. O objetivo do Fremen era alcançar a vitória, não descobrir a verdade. A paz, a justiça e a saúde monetária — eram estes valores que ancoravam o universo de Stilgar. Ele queria qualquer coisa visível e real — uma assinatura num tratado.

— Vou assiná-lo — respondeu Paul.

Stilgar pegou numa pasta nova.

— A última comunicação dos nossos comandantes de campo no Setor Ixian, fala de agitação para formar uma constituição. — O velho Fremen olhou de relance para Chani, que encolheu os ombros.

Irulan, que fechara os olhos e colocara ambas as mãos sobre a testa, num gesto de forçada mnemónica, abriu os olhos e observou Paul atentamente.

— A Confederação Ixian oferece a sua submissão — disse Stilgar, — mas os seus negociadores questionam a quantia de Imposto Imperial que...

— Eles querem um limite legal para a minha vontade imperial — disse Paul. — Quem me governaria a mim, o Landsraad ou a CHOAM?

Stilgar retirou da pasta uma folha de papel *instroy*.

— Um dos nossos agentes enviou este memorando de uma das facções eleitorais minoritárias da CHOAM. — Leu o texto com uma voz inexpressiva. — O Trono deve ser impedido de prosseguir a sua tentativa de monopolizar o poder. Devemos dizer a verdade sobre Atreides, como ele manipula por detrás do triplo engodo que é a legislação do Landsraad, a sanção da religião e a eficiência burocrática. — Voltou a colocar a folha na pasta.

— Uma constituição — murmurou Chani.

Paul olhou de relance para ela e depois novamente para Stilgar. *E assim sucumbe a Jihad*, pensou Paul, *mas não suficientemente cedo para me salvar*. Este pensamento produziu tensões emocionais. Recordou-se das primeiras visões que teve da futura Jihad, do terror e repulsa que sentira. Agora, obviamente, já tivera visões de terrores muito mais grandiosos. Tinha vivido com violência real. Tinha visto os seus Fremen, imbuídos de uma força mística, a varrer tudo sob a égide de uma guerra religiosa. A Jihad ganhou uma nova perspectiva. Era finita, naturalmente, um breve espasmo quando comparada com a eternidade, mas nela residiam horrores que suplantavam qualquer coisa levada a cabo no passado.

*E tudo em meu nome*, pensou Paul.

— Talvez lhes possa ser dada a forma de uma constituição — sugeriu Chani. — Não precisava de ser atual.

— O engano é *de facto* uma das ferramentas de governação — concordou Irulan.

— Há limites para o poder, como descobrem todos aqueles que depositam as suas esperanças numa constituição — disse Paul.

Korba endireitou-se, saindo da sua pose reverente.

— Meu Senhor?

— Sim?

E Paul pensou: *Aqui está ele! Aqui está um homem que pode acalentar simpatias secretas por uma regulação imaginada da Lei.*



— Podíamos começar com uma constituição religiosa — disse Korba, — uma coisa com que os fiéis que...

— Não! — Respondeu Paul bruscamente. — Vamos fazer disto uma Ordem do Conselho. Irulan, estás a registar isto?

— Sim, meu Senhor — respondeu Irulan, com a voz gélida de desgosto pelo papel servil que ele fizera cair sobre si.

— As constituições transformam-se na derradeira tirania — começou Paul. — São um poder organizado numa escala que acaba por ser esmagadora. A constituição é o poder social mobilizado e não tem qualquer consciência. Pode esmagar os mais poderosos e os menos poderosos, removendo toda a dignidade e individualidade. Assenta sobre um ponto de desequilíbrio e não tem quaisquer limitações. Eu, por outro lado, tenho limitações. No meu desejo de providenciar uma proteção extrema para o meu povo, proíbo a formação de uma constituição. Ordem do Conselho, dia de hoje, et cetera, et cetera.

— E quanto à preocupação Ixian acerca do Imposto, meu Senhor? — Perguntou Stilgar.

Paul forçou-se a concentrar a sua atenção para lá da expressão melancólica e zangada do rosto de Korba e disse:

— Tens alguma proposta, Stilgar?

— Temos de deter o controlo sobre os impostos, Senhor.

— O preço que a Guilda deve pagar pela minha assinatura no Tratado de Tupile — disse Paul — é a submissão da Confederação Ixian ao nosso Imposto. A Confederação não pode fazer negócio sem utilizar os transportes da Guilda. Hão de pagar o Imposto.

— Muito bem, meu Senhor. — Stilgar pegou noutra pasta e pigarreou. — O relatório do Qizarate de Salusa Secundus. O pai de Irulan tem andado a exercitar as suas legiões através de manobras de aterragem.

Irulan encontrou qualquer coisa de interessante na palma da sua mão esquerda. No pescoço, uma das veias pulsava.

— Irulan — perguntou Paul, — continuas a insistir que a única legião que o teu pai possui não é mais do que um brinquedo?

— O que pode ele fazer com uma legião? — Perguntou ela. Olhou para Paul com os olhos semicerrados.

— Pode conseguir que o matem — disse Chani.

Paul acenou com a cabeça.

— E depois a culpa recairá sobre mim.

— Conheço alguns comandantes da Jihad — disse Alia, — que o atacariam subitamente se soubessem disto.

— Mas é apenas a sua força policial! — Protestou Irulan.

— Então não tem necessidade de treinar as suas manobras de aterragem — respondeu Paul. — Sugiro que a tua próxima pequena mensagem para o teu pai contenha uma discussão franca e direta da minha opinião sobre a sua delicada posição.

Irulan baixou os olhos.

— Sim, meu Senhor. Espero que essa questão fique encerrada. O meu pai daria um bom mártir.

— Hmm... — disse Paul. — A minha irmã não enviaria uma mensagem aos comandantes que mencionou a não ser que eu lhe ordenasse para o fazer.

— Um ataque ao meu pai acarreta outros perigos para além dos óbvios inconvenientes militares — disse Irulan. — As pessoas estão a começar a recordar o seu reino com uma certa nostalgia.

— Já foste demasiado longe para um só dia — disse Chani, com a sua terrivelmente séria voz Fremem.

— Já chega! — Ordenou Paul.

Pensou na revelação de Irulan acerca da nostalgia popular — ah, agora sim! Havia nela uma nota de verdade. Mais uma vez, Irulan provara o seu valor.

— As Bene Gesserit enviam uma súplica formal — disse Stilgar, apresentando outra pasta. — Desejam consultá-lo acerca da preservação da sua herança genética.

Chani olhou de soslaio para a pasta, como se esta contivesse um dispositivo mortífero.

— Envia à Irmandade as desculpas habituais — disse Paul.

— Temos mesmo de o fazer? — Perguntou Irulan.

— Talvez... esta seja a altura indicada para discutir esse assunto — disse Chani.

Paul abanou a cabeça com severidade. Elas não podiam saber que aquela conversa fazia parte de um preço que ele ainda não decidira pagar.

Mas Chani não se deixava deter.

— Tenho ido à muralha de oração de Sietch Tabr, o local onde nasci — disse. — Submeti-me ao exame dos médicos. Ajoelhei-me no

deserto e enviei os meus pensamentos para as profundezas, onde vive Shai-hulud. E no entanto — encolheu os ombros, — nada resulta.

*Ciência e superstição, todos lhe falharam*, pensou Paul. *Terei eu falhado também, ao ocultar-lhe o que a concepção de um herdeiro da Casa Atreides provocará?* Levantou os olhos e encontrou uma expressão de piedade nos olhos de Alia. A ideia de que a sua irmã sentia pena repugnava-o. Teria ela visto também o terrível futuro?

— O meu Senhor deve conhecer os perigos para o reino quando não há herdeiro real — disse Irulan, usando os seus poderes vocais melosamente persuasivos transmitidos pelas Bene Gesserit. — Estas coisas são naturalmente difíceis de discutir, mas devem ser faladas abertamente. Um Imperador é mais do que um homem. A sua figura lidera o reino. Se o Imperador morrer sem deixar um herdeiro, seguir-se-á um grande tumulto civil. Uma vez que amas o teu povo, certamente não o deixarás nesta situação?

Paul afastou-se da mesa e dirigiu-se para a janela da varanda. O vento estava a varrer o fumo das fogueiras da cidade. O céu apresentava uma tonalidade azul-prateada cada vez mais escura, suavizada pela caída da nuvem de pó da Muralha Escudo. Olhou fixamente para as escarpas a sul, que protegiam as terras do norte dos ventos coriolis e questionou-se por que motivo a sua própria paz de espírito não conseguia encontrar uma proteção daquelas.

O Conselho mantinha-se sentado silenciosamente, esperando por ele, consciente de quão estava próximo de um acesso de raiva.

Paul pressentiu o tempo a precipitar-se sobre si. Tentou forçar-se a entrar numa tranquilidade em tudo equilibrada onde pudesse dar forma a um novo futuro.

*Liberta-te... liberta-te... liberta-te*, pensou. O que aconteceria se pegasse em Chani, se simplesmente a levasse dali e procurasse refugiar-se em Tupile? O seu nome permaneceria vivo. A Jihad encontraria novos e renovados centros em que se focar. Acabariam por o culpabilizar por isso também. Sentiu-se subitamente receoso de que, ao tentar alcançar uma coisa nova, pudesse deixar cair o que lhe era mais precioso, que o menor som vindo da sua parte pudesse fazer desabar o universo, fazendo-o retroceder até um ponto em que já não seria possível recuperar parte alguma.

Por baixo dele, a praça tinha-se tornado no acampamento de um

grupo de peregrinos, com os mantos verdes e brancos do Hajj. Iam caminhando como se fossem uma cobra desconjuntada, atrás de um guia Arrakeen que avançava a passos largos. Aqueles peregrinos recordaram Paul de que a sala de audiências já devia estar repleta de suplicantes. Peregrinos! A sua experiência de desalojados tinha-se tornado numa repugnante fonte de riqueza para o seu Império. O Hajj enchia aquele lugar de vagabundos religiosos. Eles vinham e vinham e continuavam a vir.

*Como desencadeei eu tudo isto?*, foi a pergunta que fez a si próprio.

Como era óbvio, as coisas foram-se desencadeando sozinhas. Estava nos genes do povo que podiam trabalhar durante séculos até atingir este breve espasmo.

Conduzidas pelo mais profundo instinto religioso, as pessoas continuavam a chegar, buscando a sua ressurreição. A peregrinação acabava ali — “Arrakis, o lugar do renascimento, o lugar para morrer”.

Os falsos e velhos Fremen diziam que ele queria os peregrinos pela sua água.

Paul questionava-se o que procuravam realmente os peregrinos. Diziam vir a um lugar sagrado. Mas deviam saber que o universo não continha a fonte do Éden, que não havia Tupile para a alma. Chamavam a Arrakis o lugar do desconhecido, onde todos os mistérios eram explicados. Diziam que era um elo entre o seu universo e o próximo. E o mais assustador era que aparentavam ir embora satisfeitos.

*O que encontram eles aqui?*, perguntava-se Paul.

Era frequente que durante o êxtase religioso enchessem as ruas com uma chiadeira característica de um estranho aviário. Na verdade, os Fremen chamavam-lhes “aves passageiras”. E os poucos que morriam ali denominavam-se “almas aladas”.

Com um suspiro, Paul pensou em como cada novo planeta que as suas legiões subjugavam abria novas fontes de peregrinos. Eles apareciam para demonstrar a gratidão “pela paz oferecida pelo Muad’dib”.

*A paz está em todo o lado*, pensou Paul. *Em todo o lado... exceto no coração do Muad’dib.*

Sentia que algum elemento da sua pessoa estava submerso numa infinita geada sombria. O seu poder presciente tinha interferido com a imagem de que o universo era sustentado por toda a humanidade.

Ele tinha agitado o cosmos seguro e substituído a segurança pela sua Jihad. Ele tinha vencido o universo dos homens em batalhas, pensamentos e previsões, mas inundava-o a certeza de que o universo ainda lhe fugia.

Aquele planeta por baixo dos seus pés, o mesmo que mandara transformar de um deserto num paraíso rico em água, ainda estava vivo. Tinha uma pulsação tão dinâmica como a pulsação dos seres humanos. Lutava contra ele, resistia-lhe, esquivava-se dos seus comandos...

Uma mão aninhou-se na de Paul. Olhou para baixo e viu Chani a olhar para ele, com uma expressão preocupada. Aqueles olhos bebiam dele e Chani murmurou:

— Por favor, meu amor, não lutes contigo mesmo.

Uma onda de emoção irradiou da mão dela, encorajando-o.

— Sihaya — murmurou Paul.

— Temos de ir em breve para o deserto — disse em voz baixa.

Ele apertou a mão dela, libertou-a e regressou para junto da mesa, onde permaneceu de pé.

Chani sentou-se.

Irulan olhou fixamente para os papéis em frente a Stilgar, com os lábios comprimidos numa fina linha.

— Irulan autopropôs-se como a mãe do herdeiro imperial — disse Paul. Olhou de relance para Chani e novamente para Irulan, que se recusava a enfrentar o seu olhar. — Todos sabemos que ela não nutre qualquer amor por mim.

Irulan ficou muito quieta.

— Conheço os argumentos políticos — continuou Paul. — Mas são os argumentos humanos que me preocupam. Penso que se a Princesa Consorte não estivesse condicionada pelos comandos das Bene Gesserit, que se não procurasse satisfazer este desejo devido a desejos de poder pessoal, a minha reação podia ser bastante diferente. No entanto, da maneira como as coisas são, rejeito semelhante proposta.

Irulan inspirou trémula e profundamente.

Paul, regressando ao seu lugar, pensou que nunca antes a vira sob tão reduzido controlo. Inclinando-se na sua direção, disse:

— Irulan, lamento verdadeiramente que assim seja.

Ela ergueu o queixo, com uma expressão de pura fúria a inundar-lhe o olhar.

— Eu não quero a tua piedade! — Sibilou. Depois virou-se para Stilgar. — Há mais algum assunto urgente e difícil para tratar?

Mantendo o olhar firmemente fixo em Paul, Stilgar respondeu:

— Há mais um assunto, meu Senhor. A Guilda propõe mais uma vez a instituição de uma embaixada aqui, em Arrakis.

— Um dos habitantes do espaço profundo, aqui? — Perguntou Korba, com a voz repleta de ódio fanático.

— Presumivelmente — respondeu Stilgar.

— É um assunto a ponderar com o maior cuidado, meu Senhor — avisou Korba. — O Conselho de Naibs não iria gostar que isso acontecesse, um verdadeiro Representante da Guilda aqui, em Arrakis. Eles contaminam até o chão que pisam.

— Eles vivem em tanques e não pisam o chão — disse Paul, deixando que a irritação permeasse a sua voz.

— Os Naibs podem tomar a resolução desses assuntos nas suas próprias mãos, meu Senhor — disse Korba.

Paul olhou furiosamente para ele.

— Afinal de contas, meu Senhor, eles são Fremen — insistiu Korba. — Todos nos recordamos bem como a Guilda tratou aqueles que nos oprimiam. Não esquecemos a maneira como nos exigiram um resgate em especiaria para que pudéssemos manter os nossos segredos ocultos dos nossos inimigos. Eles delapidaram-nos de...

— Já chega! — Exclamou Paul com austeridade. — Acha porventura que *eu* me esqueci?

Como se tivesse acabado de acordar para o significado das suas palavras, Korba gaguejou incompreensivelmente. Depois acrescentou:

— Meu Senhor, perdoe-me. Não quis insinuar que o senhor não é um Fremen. Não foi isso que...

— Eles vão mandar um Navegador — disse Paul. — Não que um Navegador viesse até aqui se pressentisse alguma espécie de perigo.

Com a boca seca de súbito medo, Irulan perguntou:

— Tu já... *viste* um Navegador aqui?

— Claro que não *vi* um Navegador — disse Paul, imitando o tom de voz da Princesa. — Mas consigo ver por onde eles andaram e para

onde vão. Deixem-nos enviar um Navegador. Talvez até tenha uso para uma dessas criaturas.

— Assim foi ordenado — disse Stilgar.

E Irulan, escondendo um sorriso por trás da mão, pensou: *Então é verdade. O nosso Imperador não consegue ver um Navegador. Ambos são mutuamente cegos. A conspiração permanece secreta.*